



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA UniCEUB**  
**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**ISABELLE BRAZ AMARILIO DA CUNHA**  
**ANA CLÁUDIA BAZZO SÁ**

**ESPAÇOS “UNE CEUB” - PROPOSTA DE INTERVENÇÕES  
URBANÍSTICAS NOS ESPAÇOS INTERNOS DO UNICEUB**

**BRASÍLIA-DF**

**2018**



**ISABELLE BRAZ AMARILIO DA CUNHA**  
**ANA CLÁUDIA BAZZO SÁ**

**ESPAÇOS “UNE CEUB” - PROPOSTA DE INTERVENÇÕES  
URBANÍSTICAS NOS ESPAÇOS INTERNOS DO UNICEUB**

Relatório final do **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica** apresentado à Assessoria de Graduação e Pesquisa pela Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Paula Borba Gonçalves Barros

**BRASÍLIA-DF**

**2018**

*“Se a vida, como disse Vinícius de Moraes, é a arte do encontro,  
a cidade é o cenário desse encontro  
– Encontro das pessoas, o espaço das trocas  
que alimentam a centelha criativa do gênio humano. ”*

Jaime Lerner, em prólogo à edição brasileira de Cidade para Pessoas.

## **ESPAÇOS “UNE CEUB” – PROPOSTA DE INTERVENÇÕES URBANÍSTICAS NOS ESPAÇOS INTERNOS DO UNICEUB**

**Isabelle Braz Amarilio da Cunha: UniCEUB, PIBITI Institucional, aluna bolsista [isabellebraz17@gmail.com](mailto:isabellebraz17@gmail.com)**

**Ana Cláudia Bazzo Sá: UniCEUB, PIBITI Institucional, aluna voluntária [anaclaudiabazzo@hotmail.com](mailto:anaclaudiabazzo@hotmail.com)**

**Ana Paula Borba Gonçalves Barros: UniCEUB, professora orientadora [ana.barros@uniceub.br](mailto:ana.barros@uniceub.br)**

Sabe-se que as cidades brasileiras apresentam a atenção voltada aos veículos motorizados individuais, fomentado também por conta da sua morfologia, cujas características se assemelham às cidades americanas. Brasília, sob este mesmo viés, apresenta problemas ainda mais preocupantes, por ter sido desenhada com base nos princípios modernistas, em que segregam-se suas funções, ampliando as distâncias entre o morar e o trabalhar, estimulando, portanto, o uso exacerbado dos carros. Neste contexto, cabe apontar que muitas das áreas de instituições de ensino superior, acabam por reproduzir o que ocorre no espaço urbano, haja vista necessitarem abrigar os carros que circulam na cidade e destinam-se às suas dependências. Sob esta perspectiva, esta pesquisa visa apresentar uma análise comparativa entre os espaços internos do UniCEUB (Instituição de Ensino Superior) e o espaço onde está inserida. Para tanto, a pesquisa realizou-se em três etapas de investigação: qualitativa, quantitativa e intervenção. A primeira, constituiu-se da realização de três Grupos Focais, compostos – separadamente e nesta sequência, para alcançar melhores resultados – por estudantes, professores e funcionários da instituição. Em seguida, o estudo obteve um caráter quantitativo, em que foram aplicados trezentos questionários no campus da Asa Norte (local da intervenção) em diferentes momentos: antes, durante e depois da intervenção. Por fim, após as análises dos dados, das duas etapas descritas anteriormente, ocorreu a intervenção, em que uma parte de um dos estacionamentos interno privativo dos professores foi fechada durante um único dia da semana. Como achados, os Grupos Focais tiveram suas especificidades vinculadas às funções inerentes aos três grupos, mas, em geral, verificou-se que os blocos (e suas imediações) em

que os frequentadores realizam suas atividades, acabam sendo as áreas mais utilizadas, ou seja, não há muita interação com pessoas de outros blocos por não fazerem parte do “pedaço” (Magnani, 1993). Nos questionários, observou-se que muitos não percebem o estacionamento como empecilho aos deslocamentos, uma vez que este espaço faz parte do cotidiano, dentro e fora da instituição. Por outro lado, ao se retirarem os carros para a realização da intervenção, só então a presença do estacionamento é vista como um incômodo, o que mostra que a acupuntura urbana (Lerner, 2003), torna-se uma boa estratégia de conscientização acerca desta problemática. Verificou-se, ainda, que um dos motivos pelos quais as pessoas escolheram estar na intervenção foi simplesmente passar o tempo, item explorado de forma indireta nas atividades opcionais de Gehl (2010), mas não tendo um encaixe perfeito. Por isso, além desta atividade e das necessárias e sociais, a pesquisa acrescentou “passar o tempo”, exigindo também certa qualidade ao ambiente físico. Dessa forma, recomenda-se que a instituição repense os pontos supracitados a fim de solucionar as questões da comunidade acadêmica, além de estimular a mobilidade ativa com o intuito também de melhorar a convivência no campus e, assim, impulsionar o desempenho laboral e acadêmico de toda a comunidade da instituição. Por fim, cabe apontar que a instituição reflete o que ocorre na cidade, voltando a sua atenção aos carros e não às pessoas (Gehl, 2010) e estas, muitas vezes, não percebem.

**Palavras-Chave: Mobilidade ativa. Grupos Focais. Estacionamentos. Espaços de Convivência. Campus Universitário.**

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>2. Referencial Teórico.....</b>	<b>11</b>
2.1 Forma Urbana.....	11
2.2 Cidade para pessoas versus cidade para carros .....	13
2.3 Acupuntura Urbana.....	16
<b>3. Metodologia.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1 Caracterização da área de estudo .....</b>	<b>20</b>
3.2 Etapas Metodológicas .....	21
3.2.1 Grupo Focal .....	22
3.2.2 Estudo de Manchas .....	23
3.2.3 Questionários.....	24
3.2.4 Intervenção e Banner.....	26
<b>4. Análise dos Resultados.....</b>	<b>27</b>
4.1 Grupo Focal dos estudantes (G.F.1) .....	27
4.2 Grupo Focal dos professores (G.F.2) .....	31
4.3 Grupo Focal dos funcionários (G.F.3).....	34
4.4 Questionários.....	38
4.5 Intervenção .....	44
4.6 Banner .....	55
<b>5. Considerações Finais .....</b>	<b>61</b>
5.1 Conclusões .....	61
5.2 Recomendações .....	64
<b>6. Referências Bibliográficas .....</b>	<b>65</b>
<b>7. Apêndices .....</b>	<b>66</b>
7.1 Apêndice I.....	66
7.2 Apêndice II.....	67

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Representação gráfica da relação entre ambiente e atividade. ....	14
<b>Figura 2:</b> Intervenção na <i>Delancey Street, Manhattan</i> . ....	17
<b>Figura 3 (a) e (b):</b> Intervenção na Praça Getúlio Vargas Filho, São Paulo. ....	19
<b>Figura 4:</b> Localização da área de estudo: Centro Universitário de Brasília. ....	20
<b>Figura 5:</b> Metodologia desenvolvida na pesquisa. ....	21
<b>Figura 6:</b> Modelo de distribuição da aplicação de questionários no campus. ....	24
<b>Figura 7:</b> Mapa com as áreas de aplicação dos três questionários e a área da intervenção. ....	25
<b>Figura 8:</b> Áreas internas e externas mais citadas no Grupo Focal 1 (estudantes). .	28
<b>Figura 9:</b> Áreas internas e externas mais citadas no Grupo Focal 2 (professores).	32
<b>Figura 10:</b> Área externa à biblioteca. ....	32
<b>Figura 11:</b> Áreas internas e externas mais citadas no Grupo Focal 3 (funcionários). .....	36
<b>Figura 12:</b> Áreas internas e externas mais e menos citadas nos três Grupos Focais. .....	37
<b>Figura 13:</b> Corte esquemático do Bloco 2 e Biblioteca. ....	38
<b>Figura 14:</b> Mapa com letras que indicam para possíveis locais de implantação de áreas de convivência. ....	43
<b>Figura 15:</b> Localização da intervenção em destaque e os outros estacionamentos internos. ....	44
<b>Figura 16:</b> Artes desenvolvidas para divulgar a intervenção. ....	46
<b>Figura 17:</b> Movimento de pessoas criado pela retirada dos veículos. ....	47
<b>Figura 18:</b> Mobiliário da intervenção. ....	48
<b>Figura 19:</b> O uso do espaço por estudantes (a) e funcionários (b). ....	49
<b>Figura 20:</b> Disposição das cadeiras de praia às 8 horas pelos organizadores do evento. Figura 19: Disposição das cadeiras de praia às 10 horas após o uso dos frequentadores. ....	51
<b>Figura 21:</b> Disposição das cadeiras de praia às 10 horas após o uso dos frequentadores. ....	51
<b>Figura 22:</b> Disposição das cadeiras de praia às 20 horas, próximo ao horário do show do intervalo noturno. ....	51
<b>Figura 23:</b> Estudantes usando o meio fio como assento. ....	52
<b>Figura 24:</b> Mesas de plástico: pouca utilização. ....	52
<b>Figura 25:</b> Destaque dos estacionamentos rodeando os edifícios do Setor Comercial Norte. ....	53
<b>Figura 26:</b> “Caminho de pedestres” antes da intervenção. ....	54
<b>Figura 27:</b> “Caminho de pedestres” durante a intervenção. ....	54
<b>Figura 28:</b> Apresentações musicais durante a intervenção. ....	55
<b>Figura 29:</b> Esteiras utilizadas por estudantes. ....	55
<b>Figura 30:</b> (a) Marcação no banner e (b) o banner repleto de marcações. ....	56
<b>Figura 31:</b> Novo gráfico de atividades, adaptado de Gehl. ....	63

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Gênero .....	38
<b>Gráfico 2:</b> Faixa etária .....	39
<b>Gráfico 3:</b> Área de atuação .....	39
<b>Gráfico 4:</b> Turno .....	40
<b>Gráfico 5:</b> Características que motivam a escolha de um local .....	41
<b>Gráfico 6:</b> Características que repelem na escolha de um local .....	42
<b>Gráfico 7:</b> Espaços abertos dentro do UniCEUB indicados para a implantação de espaços de convivência .....	43
<b>Gráfico 8:</b> Atuação no campus do UniCEUB .....	56
<b>Gráfico 9:</b> Motivo por ir ao espaço da intervenção .....	57
<b>Gráfico 10:</b> Horário de participação na intervenção .....	57
<b>Gráfico 11:</b> Motivos para permanecer no espaço .....	58
<b>Gráfico 12:</b> Opinião para saber se seria interessante a implantação de outros espaços de intervenção no UniCEUB .....	58
<b>Gráfico 13:</b> Qualidades no espaço da intervenção .....	59
<b>Gráfico 14:</b> Itens que faltam na intervenção .....	60

## 1. INTRODUÇÃO

Brasília foi projetada (por Lúcio Costa) seguindo ideais modernistas baseados nos pensamentos urbanísticos de Le Corbusier, cujo *design* tinha o propósito de funcionalidade e racionalidade. Por este motivo, é possível relacionar a forma urbana com diversos aspectos da sociedade que ali habita, seja na forma de deslocamento, no modo de interação entre os cidadãos ou nas relações de convivência.

Na capital, tais comportamentos característicos da cidade são consequência do urbanismo racionalista. Por causa da ideia de progresso e avanço tecnológico, os veículos foram cada vez mais incentivados a ocuparem espaço na cidade. No entanto, esta também precisou ser ajustada com o novo estilo de vida de seus cidadãos, por isso foi necessário acomodar estes automóveis e criar de equipamentos públicos que suprissem a necessidade deste transporte, como por exemplo, estacionamentos e postos de gasolina.

Conseqüentemente, esses locais afastam a vitalidade urbana e repelem os pedestres das ruas, uma vez que são espaços vazios e pouco atrativos. Outra característica associada a isto, é o fato de que o Plano Piloto é distante de outras regiões em Brasília, por isso, os moradores precisam realizar diariamente um longo trajeto de deslocamento entre casa e trabalho.

De forma complementar, o automóvel foi uma alternativa encontrada para agilizar o percurso na cidade, no entanto, hoje em dia é possível perceber que o crescimento populacional provocou um efeito contrário no trânsito: horas de engarrafamento, aumento do stress e desgaste para os motoristas.

Estes fatos implicam por alternativas criadas por aqueles que precisam permanecer no Plano Piloto durante o dia e retornar para casa no período da noite. Uma dessas soluções é passar o dia nas universidades, escolas, e até no trabalho, por isso, é importante que nestes locais existam áreas de descanso, lazer e convivência para gerar melhor conforto e rendimento de todos.

Neste contexto, o Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), um estabelecimento de ensino superior, está inserido nesta realidade, na qual se observa um fluxo intenso de automóveis que desaguam no local diariamente.

Assim, é possível perceber que quem frequenta a instituição, muitas vezes, passa o dia no local e retorna para casa apenas no fim do dia.

A jornada de trabalho e estudo desenvolvida na universidade é intensa, pois muitos funcionários e estudantes passam horas seguidas dentro da instituição. Neste período, é necessário que todos tenham acesso à locais de qualidade para descanso, lazer, alimentação e estudo. Apesar da instituição abrigar vários espaços que possuam tais características, ainda há carência de áreas de qualidade que possam atender esta demanda.

Desta maneira, com base no exposto acima, surge então as seguintes questões de pesquisa: Como os espaços poderiam ser melhor utilizados? E que intervenções possibilitariam melhor integração social e a garantia de espaços de qualidade? À vista disso, este trabalho visa apresentar os resultados de uma intervenção realizada, nos espaços abertos da instituição de ensino superior supracitada, e expor soluções para resolver os problemas que afetam seus frequentadores.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Forma urbana**

Independentemente da existência de um planejamento preconcebido, as cidades possuem traçados urbanos que revelam características de uma época, de um povo e de costumes ocorridos na história. Desse modo, as cidades tradicionais possuem dois desenhos urbanos que se destacam: a forma orgânica a forma ortogonal (BENEVOLO, 1997).

Segundo Carvalho (2003) a forma orgânica é encontrada em cidades islâmicas e medievais, apesar de comportamentos distintos, ambas são conhecidas por seus traçados irregulares e tortuosos. O traçado medieval caracteriza-se por ruas longas e estreias que nascem a partir do alinhamento de fachadas e permite aos moradores maior aptidão ao identificar percursos. Além disso, o autor acredita que as cidades islâmicas também possuem características labirínticas, devido aos numerosos becos sem saída, que igualmente, favorece a necessidade de defesa.

No entanto, é importante ressaltar que o traçado orgânico não é sinônimo de desordem, tampouco de planejamento, uma vez que o urbanismo orgânico não nasce de uma metade preconcebida, mas evolui de necessidade em necessidade, de ocasião em ocasião, através de uma série de adaptações que o tornam, cada vez mais, propositado. (DELFANTE,1997, apud MUNFORD,1961)

De acordo com Delfante (1997) o aumento populacional e o rápido desenvolvimento das cidades medievais colaboraram para o aumento de problemas e fez-se acreditar que o traçado orgânico era sinônimo de desarmonia e irracionalidade. Assim, o período que sucede o medievo dá oportunidade para uma grande produção intelectual e, conseqüentemente, abre portas para o surgimento de novos modelos e teorias urbanísticas.

O urbanismo ortogonal surge para facilitar a defesa militar, uma vez que proporciona uma ampliação na perspectiva da cidade, além de favorecer aspectos higienistas. A partir de então, os problemas da cidade começaram a ser abordados cientificamente e visavam alcançar a cidade ideal através da racionalidade (DELFANTE, 1997).

Delfante (1997) complementa que a concepção de cidade ideal se manifesta através de um urbanismo planejado em que o desenho ortogonal exprime equilíbrio e simetria por meio da associação de traçados perpendiculares em uma malha regular e geométrica. Inúmeros planejamentos de possíveis cidades utópicas entram em discussão durante o renascimento e, apesar de poucas ideias acatadas, foram fundamentais para futuras implementações.

“A cidade ideal surge como um artifício do pensamento, quando não é mais do que o enunciado de um discurso que constrói uma imagem de cidade real, projetando-a no pano da idealização.”  
(DELFANTE, 1997, p. 129).

Houve dois propósitos que embasaram as teorias que sucederam o planejamento de cidade ideal, estes também são norteadores do movimento moderno: sanar as adversidades da cidade tradicional e ceder espaço para o avanço da tecnologia construtiva.

Conforme Carvalho (2003), a perspectiva modernista acreditava em uma cidade futurista, longe dos infortúnios antigos e cada vez mais próxima do avanço tecnológico. Por conseguinte, os ideais estabeleceram a segregação de funções centrais, como habitação, trabalho e lazer e apostaram nos novos meios de transporte e hierarquização de vias, a fim de estruturar o tráfego.

Os novos materiais buscavam intensificar o estímulo às novas construções, pois acreditava-se que uma cidade futurista deveria ter construção de altos edifícios e, para isso, foi necessário a utilização de materiais como o concreto, o vidro e o aço. Ademais, a ideologia modernista tinha o objetivo de trazer uma alta densidade para as áreas residenciais, em contrapartida, os espaços públicos deveriam ser livres, higiênicos e possuir contato com a natureza (BENEVOLO, 1997).

O urbanismo modernista foi, inicialmente, visto somente como uma teoria de cidade ideal, porém com o avanço das discussões, diversas cidades seguiram os preceitos estabelecidos na Carta de Atenas em 1933, ano em que o manifesto escrito por Le Corbusier foi publicado. Dessa forma, a cidade de Brasília nasceu sob os princípios modernistas e em 1960, os conceitos se concretizaram (BENEVOLO, 1997).

## **2.2 Cidade para carros versus cidade para pessoas**

É importante ressaltar que esta pesquisa não visa defender uma forma perfeita de cidade, até porque esta não existe, mas expor algumas consequências das formas urbanas no contexto diário da população. Assim, pode-se analisar o impacto do traçado ortogonal mediante a inserção de novos meios de transporte ao abraçar o encorajamento do uso de automóveis, que paulatinamente alteraram a dinâmica das cidades.

De acordo com Carvalho (2003), a ideologia modernista tornou-se dominante por volta de 1960 e seus princípios influenciaram a separação das funções de uma cidade: centrais, industriais e residenciais, na expectativa de organizar o tecido urbano. Como consequência, foi necessário criar acessos à estas regiões por meio de uma extensa malha viária que atendesse o novo planejamento urbano.

O efeito desta aplicação acarretou na desvalorização da área pública como local de encontro e no descaso com os pedestres, visto que estes estavam cada vez mais à margem das vias: espremidos nas calçadas. Nessa conformidade, a escala humana precisou competir pelo uso do espaço, ao passo que o tráfego de veículos automotores crescia vertiginosamente. (GEHL, 2010).

Vale a pena destacar que a malha viária precisa igualmente de um complexo que atenda os automóveis, como estacionamentos e postos de gasolina. Porém, esses locais ocupam o lugar das ruas e estas são transformadas em espaços imprecisos para o pedestre. Segundo a Jacobs (2000, p. 378), “A feição urbana é desfigurada a ponto de todos os lugares se parecerem com qualquer outro, o que resulta em Lugar Algum”.

As grandes distâncias entre lazer, trabalho e moradia elevam o tempo de deslocamento e enfraquecem qualidade vida da população, pois impulsionam o excessivo uso do carro e dificultam a caminhada e a atividade física. Assim, de acordo com Lerner (2003), esta patologia resalta o que o autor denomina de “colesterol urbano”, uma analogia que representa a doença da cidade devido ao aumento do congestionamento, do estresse e da poluição.

Felizmente, o início do século XXI foi marcado pelo interesse da melhoria no espaço urbano e as novas preocupações globais salientam a importância de uma cidade caminhável, com foco na dimensão humana. A nova geração aspira cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis (GEHL, 2010), onde todos possam sentir-se protegidos com maior movimento nas ruas. Lerner compactua dos mesmos ideais e reitera que a solução desta adversidade seria alcançar o “bom colesterol”, ou seja, controlar o uso do carro.

Segundo Speck (2012), as pessoas nascidas entre 1990 e 2010 são intituladas “geração Y” e este grupo é formado por cidadãos criativos que preferem comunidades com ruas vibrantes e cheias de vida. Assim sendo, esse grupo abdica do uso excessivo de automóveis e realizam um movimento de volta ao centro da cidade com o intuito de aproximar trabalho, lazer e moradia e assim, obter vitalidade e uma vida mais proveitosa

A devolução da cidade para pessoas tem o intuito de integrar os cidadãos, costurar o tecido urbano e trazer melhora ao espaço. Porém, é preciso que a cidade seja convidativa e Gehl (2010) defende que a qualidade do ambiente externo está diretamente relacionada ao estímulo das atividades. Para o autor (Figura 1), as atividades consideradas necessárias ocorrem tanto com baixa quanto com alta qualidade do espaço, pois são obrigatórias. No entanto, para permitir a versatilidade na vida urbana é importante que haja uma melhora física dos ambientes.

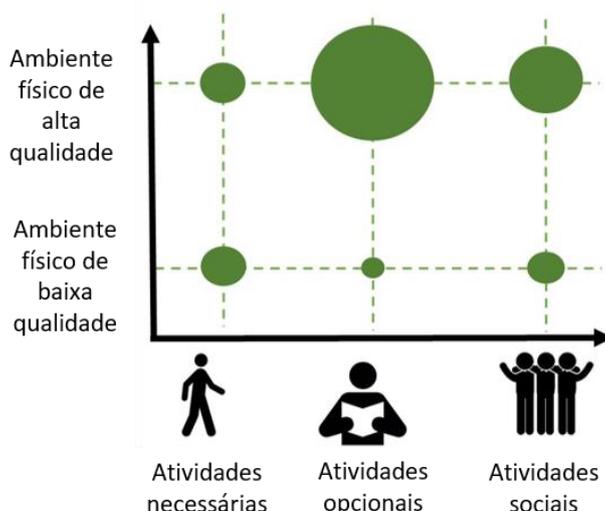


Figura 1: Representação gráfica da relação entre ambiente e atividade.

Fonte: Gehl (2010).

Jacobs (2000) aborda uma linha de pensamento semelhante e frisa a importância de desconstruir barreiras impostas na cidade para estimular o fluxo e a diversidade de usos em zonas imprecisas. A maioria destas barreiras constituem-se de fronteiras, que são um vasto território na cidade e delimitam um perímetro no desenho urbano, como por exemplo: uma linha férrea, estacionamentos extensos, parques amplos ou até um campus universitário.

Assim, as grandes universidades urbanas assumem a postura de uma forte instituição na cidade, apesar de muitas vezes serem erroneamente percebidas como locais afastados ou prédios de escritórios. Entretanto, é imprescindível que instituições de grande porte tornem, ao mínimo, trechos similares a costuras urbanas ao invés de barreiras para o transeunte (JACOBS, 2000).

Outro fator existente nas universidades que compactua com as dificuldades encontradas na cidade é o fato dos campi serem desenhados sob uma organização de edifícios similar ao contexto modernista. Assim, os blocos, muitas vezes, são distantes e afastados o que gera grandes espaços destinados à estacionamentos. Dessa forma, as características internas das universidades apresentam os mesmos sintomas existentes em uma cidade modernista.

É sob este prisma que se deve analisar a importância de uma universidade e as consequências de sua implantação no tecido urbano e a forma que ocorre a integração, pois poderá reproduzir impactos externos e internos. À vista disso, da mesma forma que uma cidade deve ser pensada para as pessoas, uma universidade merece, igualmente, tal atenção, devido ao impacto que gera em seu contexto.

É possível criar uma analogia entre a universidade e uma cidade, pois igualmente na instituição ocorrem encontros de pessoas diferentes com ideias e pensamentos distintos, mas que são unidas por um espaço físico em comum e regidas por normas. A partir destas características, a comunidade acadêmica desenvolve relações sociais e cria-se a necessidade de impulsionar os laços de amizade e os vínculos profissionais para que a universidade obtenha sucesso, portanto o campus deve ser visto sob um olhar “*univer cidade*”.

### 2.3 Acupuntura Urbana

O termo Acupuntura Urbana é uma analogia criada por Lerner (2003) com o intuito de explicar o método de “cura” desenvolvido, pelo próprio autor, para tratar cidades enfermas. De forma similar à medicina tradicional chinesa, a Acupuntura Urbana consiste na revitalização da cidade por meio de intervenções urbanas em áreas específicas.

Segundo Lerner (2003) as cidades devem ser curadas, pois muitas delas estão doentes e algumas quase em estado terminal, assim, essas intervenções se dão mais por necessidade que por desejo, para recuperar feridas que o próprio homem produziu na natureza. Desta maneira, os locais e as comunidades que carecem de vitalidade são os mais necessitados para transformar ou resgatar a identidade cultural do lugar.

Algumas cidades iniciaram medidas similares as mencionadas anteriormente com o objetivo melhorar a vida urbana, uma delas ocorreu em Nova Iorque e foi iniciada em 2007, liderada pela secretária de transportes, Janette Sadik-Khan, juntamente com o prefeito Michael Bloomberg. Ambos trabalharam na recuperação de espaços que, anteriormente, foram marcados pelo planejamento de transportes destinado aos automóveis e, com isto, propuseram abertura de áreas que dessem prioridade às pessoas.

A estratégia adotada por Janette Sadik-Khan (2016) foi tornar a cidade mais humanizada para conduzir o planejamento de áreas verdes e a valorização do espaço público, juntamente com o estímulo da mobilidade ativa. Assim, iniciou-se a construção de inúmeras praças públicas e ciclovias, além da implementação de um sistema de bicicletas públicas com o intuito de abastecer a estrutura básica da cidade e sofisticar a conexão entre os diferentes tipos de transportes.

Em Nova Iorque, as intervenções tinham um pequeno orçamento e a estratégia adotada por Sadik-Khan foi implementar soluções de baixo custo, mas que fossem capazes de revitalizar ruas e cruzamentos. Dessa forma, uma de suas intervenções foi realizada na rua *Delancey* (Figura 2), onde a autora utilizou tintas para o piso, plantas e mobiliários urbanos: cadeiras de praia e mesas.

Sadik-Khan (2016), o sucesso imediato foi uma resposta da população nova-iorquina pelo desejo de melhores espaços, pois rapidamente a área foi revitalizada e, juntamente, a comunidade teve a oportunidade de ocupar um espaço de qualidade. (SADIK-KHAN, 2016).



Figura 2: Antes e depois da Intervenção na *Delancey Street, Manhattan*.

Fonte: Sadik-Khan (2016).

No Brasil ocorreu a revitalização de Curitiba, coordenada por Jaime Lerner que, além de arquiteto e urbanista, foi prefeito da cidade durante três mandatos (1971 a 1975, de 1979 a 1983 e de 1989 a 1992). Lerner recuperou diversos locais da cidade ao realizar a Acupuntura Urbana em vários pontos para revitalizar áreas que antes abandonadas.

De acordo com Lerner (2003), as cidades possuem espaço, porém estes são constantemente mal distribuídos e não atendem à real necessidade da comunidade. Portanto, através da acupuntura urbana é possível utilizar certas estratégias para revitalizar zonas consideradas mortas.

É importante destacar que a revitalização em Curitiba envolveu uma infraestrutura com maior investimento do que aquelas realizadas em Nova Iorque. Porém, uma característica em comum entre as intervenções é que ambas tinham o intuito de devolver o espaço para as pessoas, pois as áreas eram, anteriormente, destinadas aos automóveis.

Em São Paulo, a revitalização ocorreu em São Miguel, um bairro da zona leste marcado pela Avenida Marechal Tito, que permite o acesso rodoviário entre a zona leste e os municípios da Região Metropolitana de São Paulo. Assim, esta via é responsável por inúmeros deslocamentos diários e ponto principal de importante fluxo de veículos automotores. No entanto, em 2014 esta mesma avenida foi palco de um dado marcante de atropelamentos e o local que

concentrou mais mortes na cidade. Assim, o centro de São Miguel é um cenário de constante conflito entre pedestres e automóveis (ITDP Brasil, 2016).

Dessa forma, para contornar a situação, a prefeitura decidiu implementar projetos visando a segurança dos moradores e dos pedestres que faziam aquele percurso diário. Foram selecionados pontos estratégicos, como praças e cruzamentos para realizar as intervenções.

Neste contexto, a Praça Getúlio Vargas Filho foi uma das áreas selecionadas para a aplicação desta medida de moderação de tráfego. Foi elaborado um projeto que teve, inicialmente, a coleta de dados quantitativos e qualitativos para diagnosticar o comportamento dos pedestres e dos diferentes modos de transportes no entorno da praça. Estas pesquisas também foram investigadas durante a intervenção para avaliar a adaptabilidade dos usuários ao novo desenho viário.

A intervenção (Figura 3a e 3b) consistiu em criar um espaço de lazer e recreação para a população com mobiliário urbano, como cadeiras e guarda-sóis, vasos de planta e mesas de ping-pong, além da promoção e atividades ao ar livre, incluindo palco com atrações culturais, atividades com crianças e até a recepção da comunidade para entender o projeto.

É importante salientar que os métodos utilizados para a revitalizar as cidades, como os citados em São Paulo e os executados por Janette Sadik-Khan e Jaime Lerner trouxeram ótimos benefícios à comunidade. Por isso, as intervenções urbanas são métodos que também podem ser replicados em outros espaços. Um outro exemplo que se aplica são as instituições de ensino superior, bem como universidade, uma vez que estas ocupam grande dimensão na cidade e possuem um enorme fluxo de pessoas.

Dessa forma, as intervenções realizadas em Nova Iorque e em São Paulo tem caráter provisório, fato que possibilita observar a aceitação dos usuários no espaço criado. E, eventualmente, o sucesso da intervenção pode acarretar em uma iniciativa definitiva para o local.

(a)



(b)



Figura 3 (a) e (b): Intervenção na Praça Getúlio Vargas Filho, São Paulo.  
Fonte: ITDP Brasil (2016)

A ideia de impulsionar a qualidade do espaço existente no campus pode ser tão positiva quanto aqueles que são realizados nas cidades, além de torná-la ponto de referência na cidade, pois propicia uma maior convivência, mais encontros para a comunidade acadêmica.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 Caracterização da área de estudo

A área de estudo desta pesquisa é uma instituição de ensino superior privada em Brasília, no Distrito Federal, o Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), localizado na Asa Norte, um bairro nobre da cidade, mais precisamente nas quadras 707/907 (Figura 4) e ocupando um terreno de aproximadamente cinquenta mil metros quadrados.

A instituição oferece cursos nos três turnos (matutino, vespertino e noturno), por isso é possível verificar um fluxo intenso de pessoas que frequentam o campus diariamente, tornando-o, conseqüentemente, um PGV (Polo Gerador de Viagem), uma vez que produz e atrai um número significativo de viagens, o que acaba por congestionar o sistema viário do entorno em determinados horários.

Neste sentido, é possível observar inúmeros veículos automotores que desaguam nos arredores da instituição e ocupam os estacionamentos nos horários das aulas. No entanto, os frequentadores da instituição utilizam também outros meios de transporte, como a bicicleta, o transporte público e o deslocamento a pé e, neste caso, são aqueles que mais sofrem com a falta de estrutura nos seus deslocamentos.

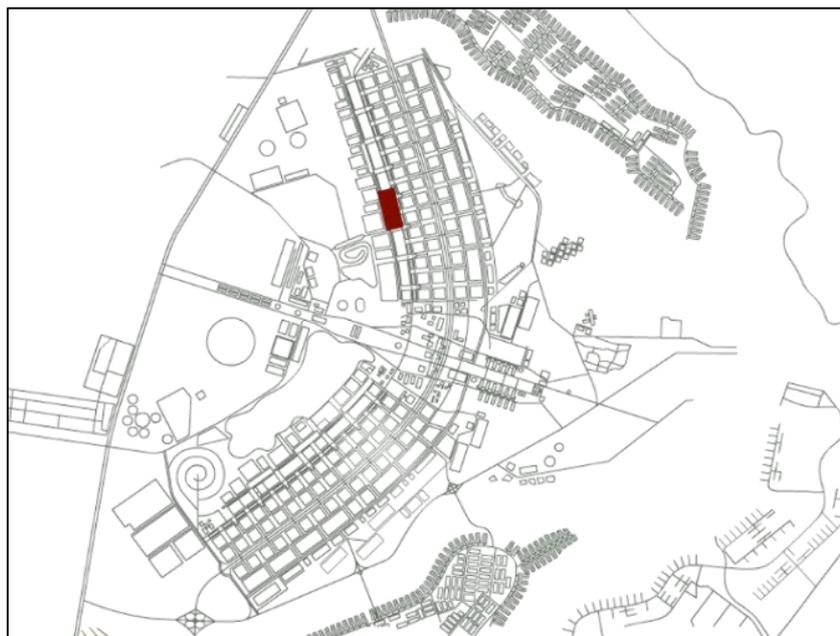


Figura 4: Localização da área de estudo: Centro Universitário de Brasília (em vermelho).

Com base nisto, a instituição torna-se um ponto importante para a cidade, pois concentra inúmeras pessoas todos os dias e também ocupa uma extensa área do tecido urbano, sendo, portanto, necessário o devido planejamento de seus espaços. Dessa forma, as características do ambiente físico do local podem influenciar positiva ou negativamente na cidade em que está inserida.

### 3.2 Etapas Metodológicas

A metodologia desta pesquisa visa obter resultados qualitativos e quantitativos a fim de atingir uma compreensão ampla e detalhada do problema em questão. A pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender comportamentos e opiniões de um grupo de pessoas, e, por outro lado, a pesquisa quantitativa, busca responder as questões com dados quantificados com base em uma amostra representativa, tornando-as complementares. Assim, a estrutura de investigação foi dividida nas seguintes etapas: Grupo Focal, questionários, banner e intervenção (Figura 5).

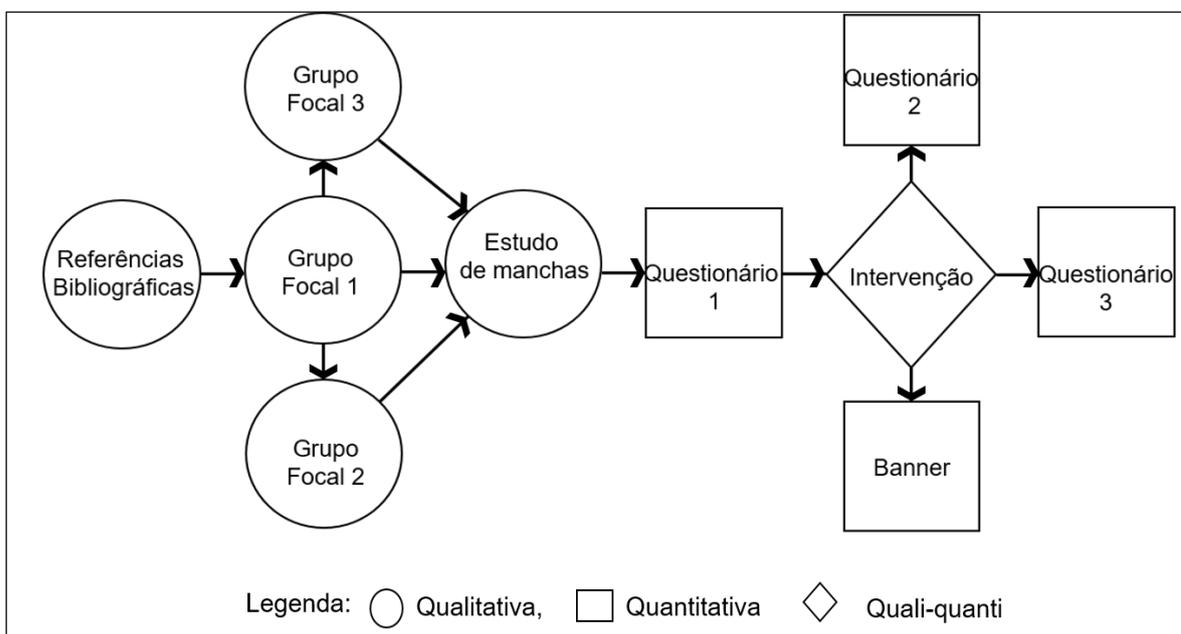


Figura 5: Metodologia desenvolvida na pesquisa.

### **3.2.1 Grupo Focal**

A pesquisa qualitativa restringiu-se ao estudo do Grupo Focal que abrangeu três núcleos de importantes usuários do UniCEUB: estudantes, funcionários e professores. É importante explicar que o Grupo Focal é uma técnica de baixo custo e que visa rápidos resultados para facilitar o processo de pesquisa, tratando-se de um debate em que se reúne um grupo de seis a doze pessoas para a discussão sobre determinado tema. Além disso, vale salientar que o Grupo Focal não trata de discussões espontâneas, pois são provocadas pelo pesquisador, que tem um objetivo definido (MAKOVÁ et al., 2007).

O debate é sigiloso e todos são informados sobre o procedimento do debate, assim, os participantes são identificados por meio de placas com nomes fictícios, neste caso, continham nomes de cidades. Dessa forma, foi definido que: os participantes do Grupo Focal 1 (estudantes) seriam referenciados com nomes de cidades americanas: Nova Iorque, São Francisco, Los Angeles, San Diego, Miami, Las Vegas e Philadelphia;

Os participantes do Grupo Focal 2 (professores) foram identificados com nomes de cidades europeias: Barcelona, Berlim, Londres, Lisboa, Paris e Roma; e, por fim, o Grupo Focal 3 (funcionários) com cidades brasileiras: Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Manaus Natal, Recife, Salvador e São Paulo. A partir disto, os participantes só poderiam se referir a si mesmo e ao outro utilizando o nome inscrito em cada placa individual, com o intuito de garantir o anonimato dos resultados da atividade.

As informações foram explicadas para o grupo por meio de duas mediadoras, que lideraram o debate por meio de perguntas elaboradas previamente e conduziram a discussão com o intuito de permitir a participação de todos, sempre incluindo aqueles que pouco se expressavam, tornando o debate pacífico e estimulando que cada um pudesse expor a sua opinião.

Cabe ressaltar que a divisão dos Grupos em três núcleos foi essencial para o bom desenvolvimento da pesquisa, pois facilitou a interação entre os membros participantes, permitindo maior liberdade de expressão sem que houvesse o constrangimento pela presença de outro núcleo. Ademais, os Grupos Focais tiveram duração de uma hora e, devido a imensa quantidade de informações, foi

informado aos participantes a necessidade de utilizar um gravador para analisar os dados, posteriormente, com maior nível de detalhe.

Após a realização dos Grupos Focais, os dados coletados foram transcritos com o intuito de fazer uma comparação entre os três núcleos (estudantes, funcionários e professores), bem como analisar as respostas obtidas em cada um. Dessa forma, tais informações respaldaram as etapas posteriores da pesquisa quantitativa, uma vez que as perguntas elaboradas para o questionário e para o banner foram baseadas nas respostas e conclusões dos Grupos Focais, o que possibilitou a aproximação das pesquisas qualitativa e quantitativa.

### **3.2.2 Estudo de Manchas**

De posse dos resultados obtidos durante os Grupos Focais, foi possível observar que algumas áreas foram mencionadas com maior frequência durante os debates e estas localidades variavam de acordo com os diferentes grupos. Assim, a etapa seguinte baseou-se em analisar os pontos relatados de forma mais intensa, com intuito de identificar no mapa da instituição todos os locais para, posteriormente, realizar uma comparação entre os núcleos entrevistados (estudantes, professores e funcionários).

Dessa forma, a técnica do Estudo de Manchas constituiu-se em demarcar, no mapa da instituição, manchas coloridas para ressaltar os locais relatados durante os grupos. Assim, os mapas foram marcados, inicialmente, de forma individual, com o objetivo de gerar três mapas distintos e compará-los com os locais mencionados em cada Grupo Focal.

O Estudo de Mancha foi realizado com duas cores distintas: amarelo para áreas externas e vermelho para áreas internas, possibilitando investigar quais são os locais mais vivenciados pelos usuários do campus, além de verificar a relação que cada grupo tem com o espaço. Dessa forma, foram gerados três mapas individuais que indicavam as áreas externas e internas frequentadas.

A partir disto, a comparação entre os resultados obtidos resultou em um quarto mapa, consequência da sobreposição de manchas dos outros três (estudantes, professores e funcionários). Este último, foi essencial para demonstrar os possíveis locais que indicam pontos de interseção dentro do campus, ou seja,

áreas com maior movimento de pessoas de diferentes núcleos. Assim sendo, inicialmente, os locais com manchas mais escuras foram indicados por maior encontro de diferentes grupos.

Deste modo, a sobreposição dos mapas permitiu indicar os pontos de maior convivência dentro da instituição, revelando os locais considerados “centros” do campus. A partir deste resultado, foi possível ampliar a análise realizada inicialmente em planta baixa, para o desenvolvimento de um corte no local mais apontado durante todos os Grupos Focais, com a intenção de avaliar se o encontro de pessoas era realizado no mesmo plano ou em diferentes pavimentos.

### 3.2.3 Questionários

Os questionários que compuseram a etapa quantitativa desta pesquisa foram realizados em três etapas diferentes (Figura 6): antes, durante e depois da intervenção e cada uma conteve cem amostras, totalizando 300 aplicações, representando 94% de confiança e somente 6% de erro amostral do total de frequentadores da instituição, segundo Barbetta (2001).

<b>Período de aplicação</b>	Antes da intervenção	Durante a intervenção	Depois da intervenção
<b>Local de aplicação</b>	Próximo à intervenção	Próximo à intervenção	Distante à intervenção
<b>Número de questionários livres</b>	50	50	100
<b>Número de questionários em uma turma do UniCEUB</b>	50	50	0
<b>Total de questionários</b>	300 questionários		

Figura 6: Modelo de distribuição da aplicação de questionários no campus.

As duas primeiras etapas foram nomeadas de acordo com os entrevistados: “questionários livres” e “questionários em uma turma do UniCEUB”. Sendo esta divisão importante, pois os questionários livres foram aplicados em áreas abertas da instituição, com pessoas de diferentes perfis para garantir que houvesse uma amostra mais próxima do real. Já outra parte da aplicação foi realizada com uma turma de estudantes (do curso de Engenharia Civil) do UniCEUB com o intuito de acompanhar as respostas de “antes” e “depois” para analisar se as respostas seriam diferentes após a realização do evento.

Na turma selecionada, foram aplicados cinquenta questionários antes e durante a intervenção, de modo que as mesmas pessoas pudessem responder novamente. Esta decisão teve o intuito de analisar se as respostas seriam ou não mantidas após este grupo de estudantes utilizarem o espaço criado na intervenção.

Os cinquenta questionários livres da primeira etapa foram realizados com diversas pessoas do UniCEUB, em áreas abertas, todas com perfis variados e sem nenhuma distinção. Durante a intervenção, os outros cinquenta questionários livres foram realizados exclusivamente com as pessoas que que desfrutaram do espaço criado e que não faziam parte da turma mencionada.

Por fim, a terceira etapa também contabilizou cem questionários, todavia, estes não tiveram a participação da turma e, foram aplicados somente os questionários livres. Porém, a última etapa foi realizada em locais distantes de onde ocorreu a intervenção, uma vez que existia o propósito de ponderar as respostas para compreender se o local que a pessoa passa a maior parte do tempo (estuda, alimenta e socializa) interfere na escolha de um espaço para realizar estas atividades e, se este fato iria influenciar em outras possíveis intervenções.

Desta maneira, os questionários aplicados nas áreas abertas do campus (Figura 7) foram realizados em pontos diferentes: a primeira e a segunda aplicações foram realizadas nas áreas mais próximas do local de intervenção, como, por exemplo, no Bosque, no Píer e nas imediações dos blocos 1, 2, 3 e 12.

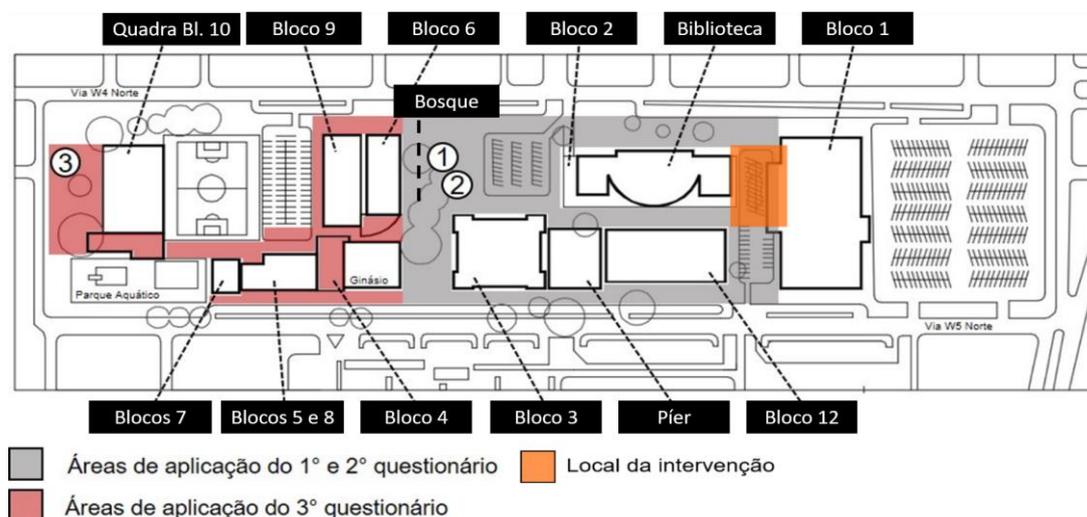


Figura 7: Mapa com as áreas de aplicação dos três questionários e a área da intervenção.

Fonte: Arquivo pessoal.

Já a terceira, e última, etapa de questionários, foi aplicada em um ponto distante do local de intervenção, na intenção de comparar as respostas daquelas pessoas que frequentam outras áreas abertas e outros prédios da instituição.

Neste contexto, é importante salientar que as perguntas elaboradas foram mantidas em todas as etapas, ou seja, não sofreram alterações devido aos pontos de aplicação, pois foi fundamental estudar as respostas de acordo com o público e a área de convivência. Desta maneira, as perguntas tiveram como foco informações gerais e individuais, tal como: faixa etária, gênero, curso, atuação no UniCEUB e turno.

No entanto, as questões vinculadas ao espaço, buscavam compreender as características que atraem ou repelem uma pessoa do local, bem como se estes espaços abertos dentro da instituição seriam bons locais para a implementação de espaços de convívio.

#### **3.2.4 Intervenção e banner**

A intervenção foi a etapa da metodologia que uniu a pesquisa qualitativa à quantitativa, sendo possível criar um espaço de convivência temporário com mobiliários urbanos de baixo custo em uma área considerada interessante para aqueles que responderam o questionário.

Desta maneira, a intervenção ocorreu em metade de um dos estacionamentos privativos dos professores, onde foi possível realocar os automóveis que ocupavam aquele espaço em um outro estacionamento. Com isso, foi possível utilizar as premissas de Lerner (2003) e Sadik-Khan (2016) para realizar um projeto urbanístico para a área.

O projeto consistia em aproveitar a sombra das árvores existentes no local de modo a criar ambientes de convívio, para que as pessoas que frequentam a instituição pudessem ter um espaço de qualidade para descansar, ler e até estudar. Por isso, era necessário criar uma relação harmônica entre soluções de mobiliários confortáveis, com um baixo orçamento e materiais de fácil deslocamento.

Para isso, a intervenção fechou metade do estacionamento para que o evento ocorresse, tendo sido utilizados mobiliário móvel, como, por exemplo, cadeiras

de praia, paletes e mesas de plástico. Todo o processo aconteceu ao longo de um único dia e teve a participação de estudantes e funcionários e professores.

No mesmo dia da intervenção, foi utilizado o método de pesquisa quantitativo, o banner. No banner foram inseridas perguntas que, todos que se sentissem convidados, poderiam marcar com um adesivo suas respostas individuais. Desta maneira, as respostas foram convertidas em dados numéricos, que puderam ser contabilizadas e comparados com os questionários e os Grupos Focais.

## **4. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **4.1 Grupo Focal dos estudantes (G.F.1)**

O primeiro Grupo Focal aplicado foi o de estudantes e contou com a participação de sete alunos do UniCEUB de diferentes graduações, pois era de fundamental importância que existisse distinções entre os indivíduos. Assim, equilibraram-se estudantes dos cursos de direito, arquitetura e urbanismo, jornalismo, engenharia civil, medicina veterinária e psicologia. Vale ressaltar que os cursos supracitados estão dispostos em diferentes edifícios do campus e, portanto, tais alunos frequentam locais diversos.

As perguntas iniciais tinham o intuito de compreender a realidade do público entrevistado, dessa forma os questionamentos iniciais foram voltados para dados básicos como: quais as atividades exercidas e qual o tempo de permanência na instituição. As respostas foram variáveis: enquanto uns possuem horário integral e ficam das 7h às 22h, outros vão apenas em um turno que se diferenciam entre matutino, vespertino e noturno.

No entanto, ao serem questionados sobre o tempo livre, a maioria confessou a falta de costume de usar as áreas abertas do UniCEUB e ressaltam que, quando há a possibilidade, voltam para suas casas. Porém, aqueles que não encaram esta possibilidade acabam enfrentando o longo dia dentro da instituição e muitos escolhem ficar na Biblioteca (Figura 8), pois a definiram como “completa”, uma vez que possui de infraestrutura propícia aos estudos.

No geral, os alunos afirmam que a infraestrutura dos prédios é muito boa, pois possuem boas mesas, computadores e sistema de ar condicionado, no entanto,

fora da sala de aula, os mesmos declaram que faltam locais mais agradáveis. O argumento para explicar esta posição é a escassez de mobiliários confortáveis ao longo do campus, inclusive, San Francisco especificou que a ausência de bancos ao longo dos corredores força os alunos a sentarem no chão.

A partir das reclamações mencionados pelos estudantes, todos foram perguntados sobre quais as condicionantes para a escolha de um local para passar os intervalos ou descansar, e as respostas foram similares: muitos avaliaram o Bosque como o local mais agradável, devido a presença da vegetação. Em contrapartida, o Píer (Figura 8) foi alvo de descontentamentos, uma vez que indicaram que o local, muitas vezes, fica lotado, gerando ruídos desagradáveis.



Figura 8: Áreas internas e externas mais citadas no Grupo Focal 1 (estudantes).  
Fonte: Arquivo pessoal.

Foi identificado que os alunos buscam locais próximos aos blocos de estudo com o intuito de aproveitar o tempo de intervalo, além deste fato, a maioria escolhe a área por causa da presença de lanchonetes ou espaços de alimentação. À vista disso, foi revelado que o cheiro de cigarro incomoda alguns participantes e que era um motivo decisivo na escolha de um ambiente e, por consequência, muitos evitam os fumódromos distribuídos ao redor do campus.

A partir das questões mencionadas, os estudantes sugeriram que as áreas livres da instituição fossem mais aproveitadas e especificaram que estas poderiam estar espalhadas em diversos pontos ao longo de todo o campus. Pois, segundo eles, o Bosque e o Píer já representam o coletivo e há um desejo comum para

que as áreas livres fossem diversas e próximas dos blocos a fim de aumentar a variedade de espaços abertos. Um dos participantes revelou:

“Acho a área externa falta mobiliário urbano e seria importante mais áreas arborizadas com vegetação. Acredito que falta aproveitar melhor o espaço com atrativos: um espelho d’água, bancos em volta, redário, arquibancadas e teatro ao ar livre. No geral, eu gostaria de mais áreas de integração.”

(Trecho destacado da fala de Philadelphia, Grupo Focal 1).

Surpreendentemente, após a citação acima, os participantes apontaram os estacionamentos internos como áreas em potencial para a implantação de espaços de convivência e este fator foi um indicativo para a escolha do local da intervenção. Vale a pena destacar, que os estudantes mencionaram que a exclusividade dos estacionamentos, para professores, é vista como um privilégio, e ressaltam que isto afeta a dinâmica do campus, pois acreditam que deveria ser um espaço destinado para beneficiar a comunidade acadêmica como um todo.

Após indicarem os estacionamentos privativos como um local de possível intervenção, o grupo também ressaltou que a ausência de integração entre os cursos é notória e defendem que as questões supracitadas seriam sanadas com a existência de áreas voltadas à integração dos estudantes, professores e funcionários, sem distinção de hierarquia.

Para Los Angeles, a faculdade tem de ser um local acadêmico, mas ao mesmo tempo deve ter um ambiente que estimulem o repouso e o encontro. O participante frisa que o desafio é conseguir unir o espaço de estudo, descanso e interação dentro de um único campus. É importante destacar que a opinião está intrinsecamente ligada aos conceitos de Jacobs (2000), uma vez que a autora defende que a diversidade de usos é um indicativo de vida na cidade, cabendo igualmente no contexto de um campus universitário.

Curiosamente, Philadelphia também expôs que para haver espaços de qualidade não basta simplesmente colocar um banco em qualquer lugar, pois para o aluno o banco “deve participar ativamente do espaço ao usar cores, diferentes materiais e formas”. De forma complementar, Gehl (2010) defende

que o conforto e a localização dos bancos influenciam na duração e na permanência das pessoas naquele local, assim, o banco deixa de ser um simples objeto de apoio e passa a exercer a função de protagonista ativo no campus.

De forma complementar, os participantes do Grupo Focal 1 (estudantes) relataram que o pouco incentivo ao uso da bicicleta, pois com a falta de bicicletários, há o estímulo ao uso do automóvel, mesmo para aqueles que moram em regiões próximas. Speck (2012) confirma a situação em questão, pois a falta de incentivo do uso da bicicleta facilita o uso do carro, e ao mesmo tempo, isto desencadeia uma série de problemas já existentes dentro das cidades e do campus em questão.

## 4.2 Grupo Focal dos professores (G.F.2)

O segundo Grupo Focal foi realizado com professores e contou com seis participantes, todos os professores trabalham na instituição em diferentes áreas de ensino, pois era importante a variedade de opiniões. Assim, colaboraram professores da biomedicina, arquitetura e urbanismo, publicidade, administração, educação física e psicologia. Vale a pena ressaltar que os cursos de atuação estão dispostos em diferentes edifícios do campus e, portanto, todos frequentam locais diversos.

As perguntas iniciais foram voltadas para questionamentos básicos como: as atividades exercidas e qual o tempo de permanência na instituição, com o objetivo compreender a realidade do público entrevistado, dessa forma, foi questionado acerca das atividades exercidas e do tempo de permanência na instituição. As respostas foram variáveis: muitos chegam a permanecer catorze horas no campus e outros entre oito e dez.

Contraditoriamente ao Grupo Focal 1 (estudantes), é notório a preferência dos professores por locais fechados ao invés de áreas abertas (Figura 9), pois muitos preferem fazer suas refeições na sala dos professores ou em copas. De forma complementar, Londres, um dos participantes afirma que é comum frequentar outros blocos para buscar companhia e interagir, além disso, Londres reforça que é uma vantagem ter contato com outros blocos, mas que não é um hábito comum a todos os acadêmicos.

No entanto, Paris acredita que no Centro Universitário de Brasília falta uniformidade, pois, segundo o participante, cresceu igual a um lego e cada bloco possui atividades e estruturas distintas. Mas vale a pena destacar que esta característica não é necessariamente ruim, uma vez que as diferentes possibilidades de atividades podem trazer maior diversidade e enriquece a vitalidade do campus.

Em contrapartida, a ausência de uniformidade arquitetônica torna-se um empecilho quando induz a segregação e distancia as pessoas ao invés de unir em comunidade acadêmica. Assim, é importante que as áreas externas

funcionem como conectores entre os blocos, da mesma forma que as ruas se conectam à cidade.

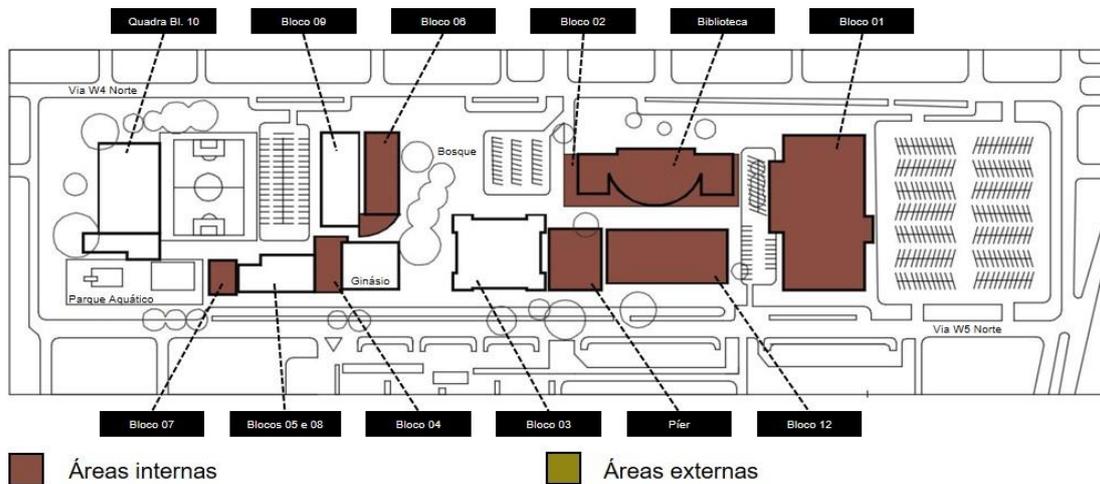


Figura 9: Áreas internas e externas mais citadas no Grupo Focal 2 (professores).

Fonte: Arquivo pessoal.

Uma característica interessante e comum entre o Grupo focal 1 (estudantes) e o Grupo Focal 2 (professores) é que ambos citaram a Biblioteca como um ambiente agradável e propício ao estudo e ao descanso. Além disso, a maioria concorda que a área externa à Biblioteca (Figura 10) poderia ser melhor utilizada criando um local de troca de ideias e de encontro. Berlim comentou: “É um espaço somente de trânsito, deveríamos fazer as pessoas ficarem!”, tal afirmação vai ao encontro dos preceitos de Jacobs (2000) e de Gehl (2010).



Figura 10: Área externa à biblioteca.

Fonte: arquivo pessoal.

Outra reclamação em comum entre o Grupo focal 1 (estudantes) e o Grupo Focal 2 (professores) foi a falta de atenção com a bicicleta, pois um dos professores a utiliza como meio de locomoção para frequentar o UniCEUB, mas acredita que este não tem vez no campus, sendo marginalizado. Da mesma forma que o Grupo Focal 1 mencionou, os pontos de bicicletários são distantes e não atendem a todos os blocos, além disso, Londres ressaltou a falta de possibilidade de andar com o transporte dentro da instituição e destacou:

“ O campus é cercado pelo Rei Carro, eu venho numa ciclovía da 14 até o CEUB e o CEUB é uma ilha do século XX, ela não prosperou em termos de ciclismo, porque ela impede a ciclovía, impede a boa circulação de quem quer carregar a bicicleta, porque tem várias barreiras. Ciclismo ainda é uma coisa marginalizada aqui. ”.

(Trecho destacado de Londres, do Grupo Focal 2).

Em termos de acessibilidade, o grupo demonstrou grande insatisfação, tanto para o acesso ao UniCEUB, quanto ao acesso interno entre os blocos. Para Roma, a mobilidade de um cego, de um surdo ou de um cadeirante é limitada dentro do campus e complementa que a acessibilidade na praça de alimentação está comprometida e longe de atender a todas as necessidades.

Assim, o Grupo Focal 2 (professores) defendeu a ideia similar dos estudantes em relação aos espaços abertos, pois também acredita que uma universidade deveria ter espaços agradáveis e confortáveis em todos os sentidos. Paris destacou que “Nós moramos em um país muito quente, aqui é sempre tudo muito calor, quando não estamos debaixo do ar condicionado a gente precisa de um espaço fresco! ”.

Todos concordaram com a opinião exposta acima, e defendem a ideia de que é importante que os espaços sejam pulverizados, pois o campus é grande e, somente ao distribuir áreas de convívio agradáveis, seria possível criar os locais idealizados. Paris também ressaltou que as pessoas gostam de ficar ao ar livre e de ver outras pessoas, de vê-las caminhar, ver como são e o que fazem e complementa que este ato tem poder de descanso na mente humana, fato que corrobora com as ideias de Gehl (2010).

Os comentários que surgiram a partir das possíveis mudanças no campus permitiram os professores se expressarem e todos mostraram que seria interessante favorecer uma integração geral. Berlim destacou que “ a fase da hierarquia está ultrapassada, a tendência é que a gente possa favorecer as vivências em conjunto e em trocas”. Assim, acreditam que seria um processo longo, mas fundamental para quebrar antigos paradigmas.

### **4.3 Grupo Focal dos funcionários**

O terceiro Grupo Focal realizado com os funcionários da instituição, contou com nove participantes que trabalham em diferentes funções, uma vez que é importante a variedade de opiniões. Assim, os colaboradores que contribuíram foram das áreas: segurança do trabalho, supervisão de segurança, assessoria de pós-graduação e pesquisa, brigada de incêndio, patrimônio, supervisão de campo, marketing e comunicação, recursos humanos, segurança do trabalho e limpeza.

Vale a pena ressaltar que as áreas de atuação estão dispostas em diferentes edifícios do campus e, portanto, todos frequentam locais diversos. Além disso, os funcionários possuem rotinas diferentes, o que possibilitou analisar o grupo com maior detalhe.

As perguntas iniciais foram voltadas para dados básicos, com o objetivo compreender a realidade do público entrevistado. Dessa forma, foi questionado acerca das atividades exercidas e sobre o tempo de permanência na instituição. As respostas foram variáveis, pois os funcionários permanecem na instituição entre seis e doze horas e varia de acordo com a função exercida.

Ao serem questionados sobre os locais de descanso e como os escolhem para passar os intervalos, as respostas foram inusitadas, pois muitos reclamaram da falta de conforto, pois a superlotação das copas os induz a comer mais rápido para que o outro colega possa se alimentar. Goiânia afirmou também que o mobiliário é desconfortável e duro e que “ se alguém dorme em cima do banco, acorda mais quebrado do que deitou”.

Por consequência, Salvador afirmou que a falta de conforto nos blocos e nas áreas abertas o incentiva a passar os intervalos no carro, já que é um dos poucos funcionários que ainda possui acesso ao estacionamento privativo, e completa: “Eu procuro o carro, pois lá é o lugar que eu posso sentar, relaxar, escutar música, é o único lugar que eu tenho”. Além disso, o participante lamenta que outros funcionários não possam ter acesso ao estacionamento privativo, pois se sente privilegiado por poder desfrutar do local no horário de almoço.

Após este relato, os funcionários demonstraram grande insatisfação por não usarem os estacionamentos privados, pois, dentro da política instalada na instituição, quem pode estacionar dentro do UniCEUB são professores, coordenadores, gestores, além disso, é permitido também todas as pessoas com deficiência e as gestantes.

Ao longo do Grupo Focal 3 (funcionários) os participantes afirmaram que houve um corte de vagas do estacionamento. De acordo com eles, houve uma redistribuição das vagas, porém, afirmam que o acontecimento apenas retirou as vagas dos funcionários e as distribuíram para os professores.

Segundo o Grupo Focal 3, a redução de vagas gerou a exclusão do colaborador de estacionar internamente e, assim, os funcionários que costumavam parar nos estacionamentos privados foram obrigados a estacionar o carro do lado de fora. Ademais, muitos complementaram que esta ação gera discriminação e um sentimento de marginalização e hierarquia.

Em contrapartida, Recife afirmou que nunca teve vaga privativa e que o corte dos funcionários não o afetou: “você só sente falta daquilo que perdeu, como eu nunca tive, não me faltou”. Assim, os funcionários acreditam que se as vagas fossem abertas seria um sistema mais justo e quem chegasse primeiro teria o direito de usar o estacionamento.

Em relação a escolha dos espaços, observou-se que os funcionários frequentam tanto as áreas fechadas quanto as abertas, porém não são todos que utilizam as externas, uma vez que são mais distantes, escondidas e afirmaram que raramente frequentam o Bosque (Figura 11). Os funcionários desejam que seja instalada uma sala exclusiva “um espaço para lazer, ler um livro, dar uma cochilada, sentar em um pufe e também, poder jogar pebolim ou pingue-pongue”.

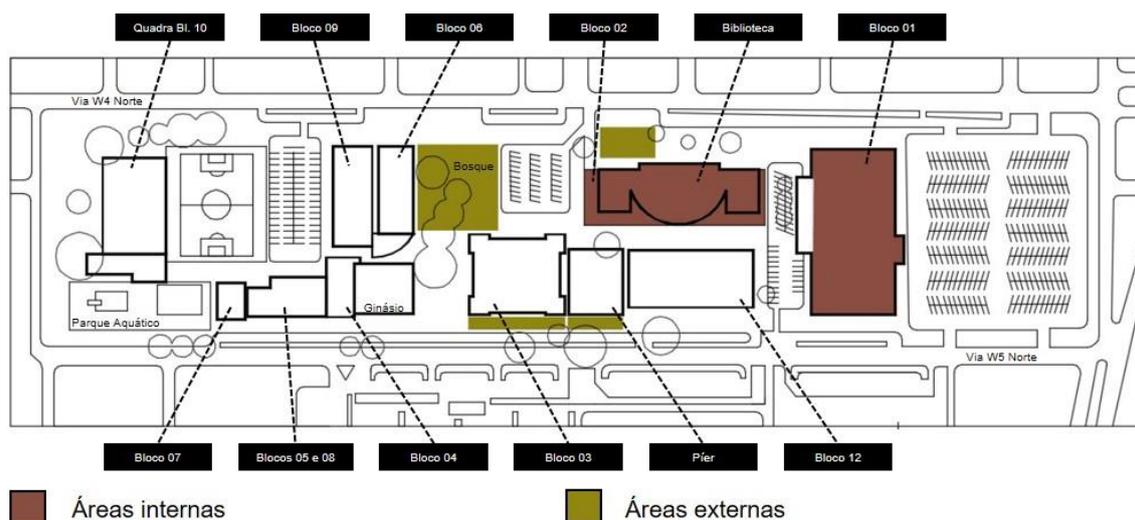


Figura 11: Áreas internas e externas mais citadas no Grupo Focal 3 (funcionários).

Fonte: Arquivo pessoal.

Cabe ressaltar que, no geral, os participantes dos três Grupos Focais desejam implantações semelhantes nos espaços: melhor aproveitamento dos espaços abertos e mais áreas verdes espalhadas ao longo do campus, para que possam descansar com qualidade. Porém, também gostariam que houvesse locais internos com o mesmo conforto, no caso dos alunos, querem um espaço para o Centro Acadêmico (C.A.) dos cursos, já os professores e funcionários desejam algo exclusivo onde possam comer, dormir, descansar, ler e realizar outras atividades nos intervalos.

A partir dos depoimentos, juntou-se os três mapas (Figura 9, 11 e 12) para se analisar quais os locais mais utilizados no UniCEUB. Assim, ao sobrepor as manchas em um mapa (Figura 12) chegou-se à conclusão de que os grupos presentes na instituição formam guetos. Esses guetos são formados por indivíduos que apresentam características espaciais em comum, como o bloco que frequenta, o curso ou a área de atuação.

Analogicamente, pode-se considerar que dentro do UniCEUB existem os “pedaços”, pois apesar de um centro universitário ser um local privado, o seu espaço físico interno permite a identificação própria do indivíduo com o mesmo. Assim, uma pessoa só se sente parte de um grupo, ou de um gueto, por frequentar locais em comum, como a sala de aula, a lanchonete ou a biblioteca. Dessa forma, a característica física do espaço proporciona a ligação de um grupo

e possibilita que relações de amizade, profissionalismo e estudo floresçam no campus. (MAGNANI, 2003).

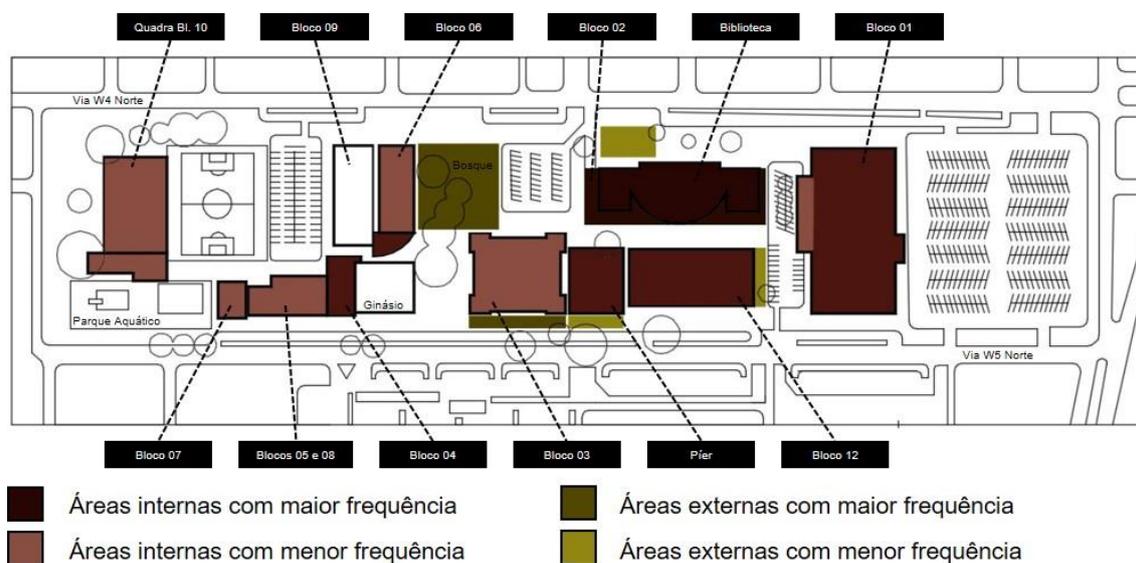


Figura 12: Áreas internas e externas mais e menos citadas nos três Grupos Focais.  
 Fonte: Arquivo pessoal.

No entanto, ao analisar profundamente o mapa gerado pelas manchas na Figura 12, é possível notar que a Biblioteca é o prédio mais escuro, ou seja, o local mais frequentado, seja por estudantes, professores ou funcionário. Sendo assim, imagina-se que a Biblioteca represente o centro da instituição, sendo o local com maior diversidade de pessoas e, conseqüentemente, de vitalidade.

Contraditoriamente, ao elaborar o corte do Bloco 2, onde situa-se a Biblioteca (Figura 13) foi permitido observar que a ideia de centro é falsa, uma vez que este encontro de pessoas se dá em diferentes pavimentos e, por conseqüência, não há um ponto de encontro comum a todos. Como é possível observar, os professores e estudantes localizam-se no térreo e na biblioteca, já parte dos funcionários encontram-se nos subsolos do edifício.

A partir deste resultado, fica visível a falta de integração entre os frequentadores da instituição, considerada uma falha na comunidade acadêmica, pois, de acordo com Jacobs (2000), da mesma forma que uma cidade precisa de pontos de encontro, uma universidade também. Assim, é necessário que existam locais que permitam a convivência dos três grupos de modo a gerar diversidade no campus.

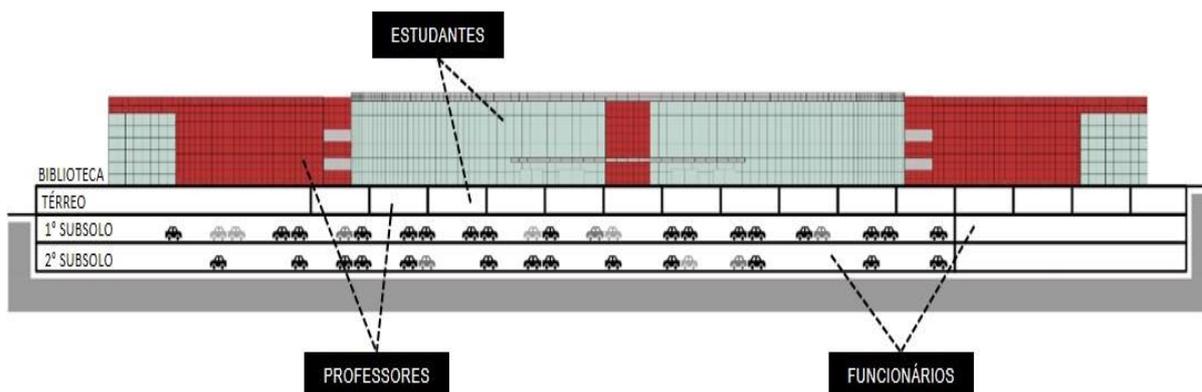


Figura 13: Corte esquemático do Bloco 2 e Biblioteca.  
 Fonte: Arquivo pessoal, feito no AutoCad.

#### 4.4 Questionários

O resultado final (Gráfico 1) demonstrou que o gênero feminino contou com 53,14% do total, já o masculino ficou em segundo lugar com 46,48%. Em relação à faixa etária (Gráfico 2), o grupo entre 18 e 25 anos liderou (83,72%) seguidos pelo grupo de 25 a 30 (7,22%) e 30 a 35 (3,66%). Esses dados mostraram que o grupo predominante que utiliza os espaços abertos internos no Centro Universitário de Brasília é de jovens e, majoritariamente, feminino.

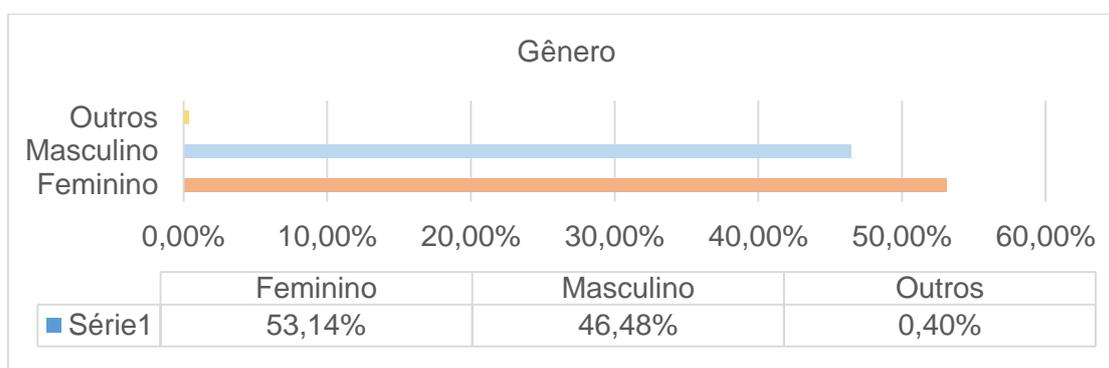


Gráfico 1: Gênero dos usuários dos espaços abertos internos do UniCEUB.  
 Fonte: Arquivo pessoal.

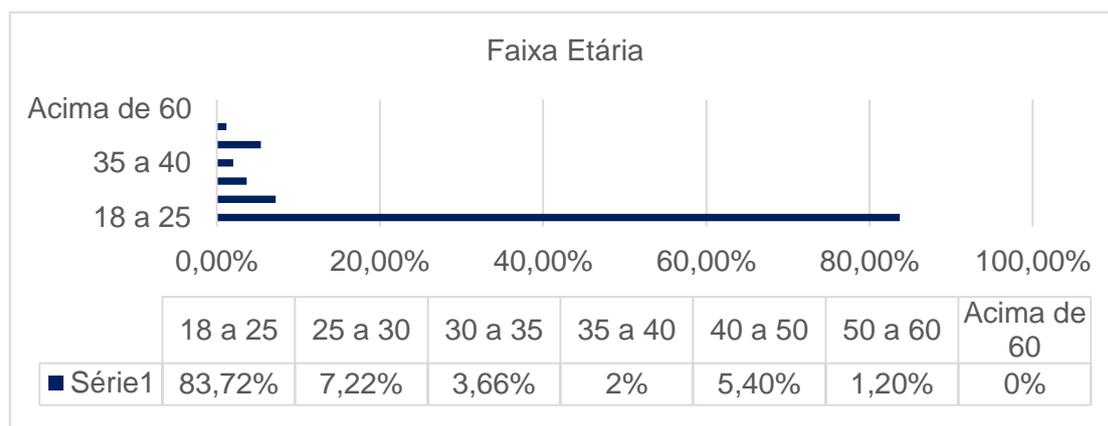


Gráfico 2: Faixa etária dos usuários dos espaços abertos internos do UniCEUB.  
Fonte: Arquivo pessoal.

O Gráfico 3 que indica a área de atuação dos usuários do campus destacou-se pela porcentagem de estudantes, com 87,84% do total de entrevistados, seguidos por funcionários com 4,20% e professores 3,82%. Os outros grupos, que representavam a junção das citadas anteriormente, como “professor e estudante” representavam uma pequena porcentagem na instituição e um valor ínfimo que somados resultam apenas 1%.

No entanto, vale a pena ressaltar que os questionários foram aplicados somente em áreas externas, e, como já havia sido mencionado no Grupo Focal 2 (professores) e 3 (funcionários), ambos os grupos pouco frequentam os locais ao ar livre, esse argumento é um dos indicativos que representa a baixa amostra nesta pesquisa e, não, necessariamente, a realidade de ocorrência no campus.

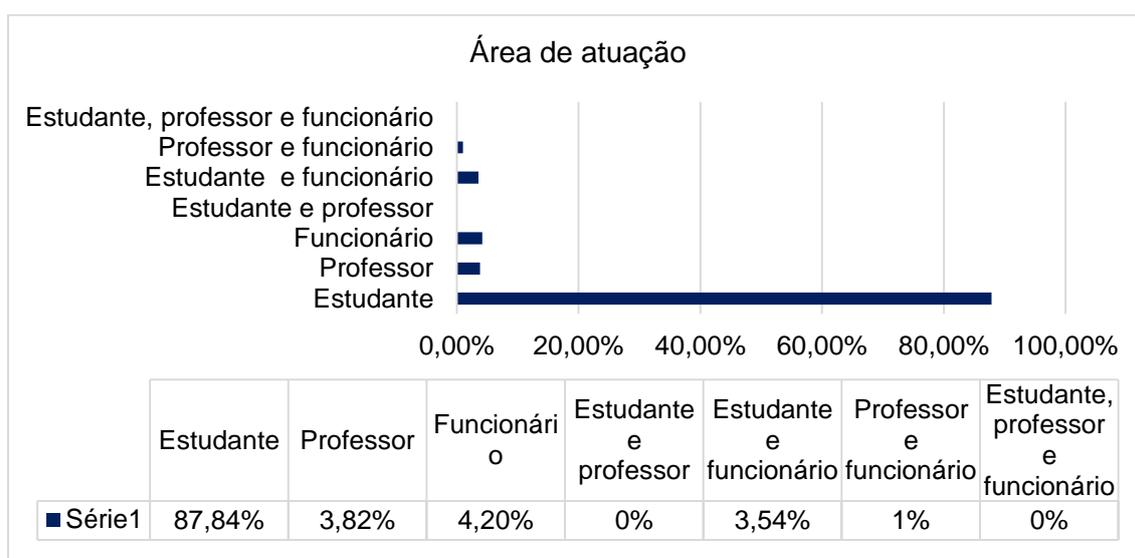


Gráfico 3: Área de atuação dos usuários dos espaços abertos internos do UniCEUB.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Os dados que indicam o turno dos entrevistados foram liderados pelo matutino (Gráfico 4), com mais da metade do total (53%), seguidos por “mais de um turno” (39,20%), noturno (5,40%) e vespertino (2,40%), respectivamente. A porcentagem que indica grande número de pessoas durante outros turnos na instituição é significativa e deve ser levada em consideração, uma vez que os alunos que permanecem o dia no UniCEUB sentem com mais intensidade os incômodos listados durante o Grupo Focal, como a questão de mobiliário e alimentação.

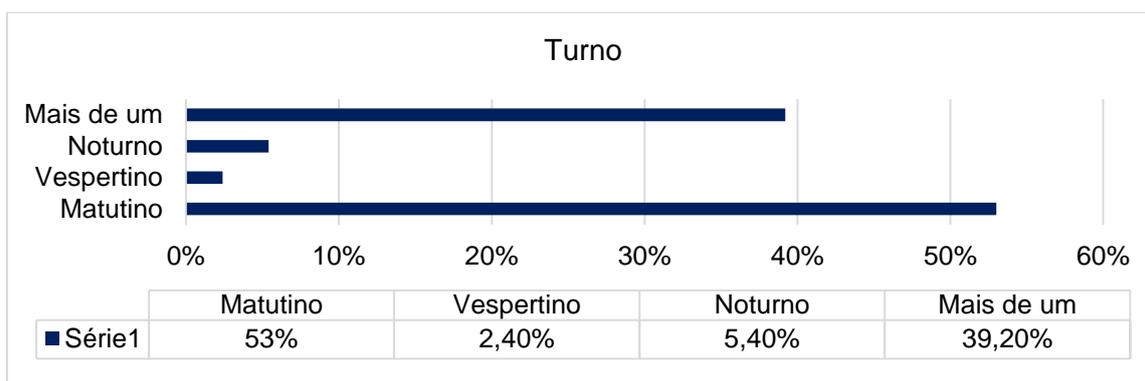


Gráfico 4: Turno dos usuários dos espaços abertos internos do UniCEUB.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Com as perguntas voltadas para entender as necessidades da implementação do local da intervenção, os participantes foram questionados sobre as características físicas motivam (Gráfico 5) ou repelem (Gráfico 6) para compreender as necessidades e os desejos.

Deste modo, foi possível observar que as características que motivam a escolha de um local são, em primeiro lugar, a sombra, seguida de amigos, alimentação, natureza e silêncio, respectivamente. Os outros, como: cheiro, ambiente cheio, sol, área para fumantes, tiveram menor porcentagem em relação aos primeiros e o item “barulho” foi o menos votado.

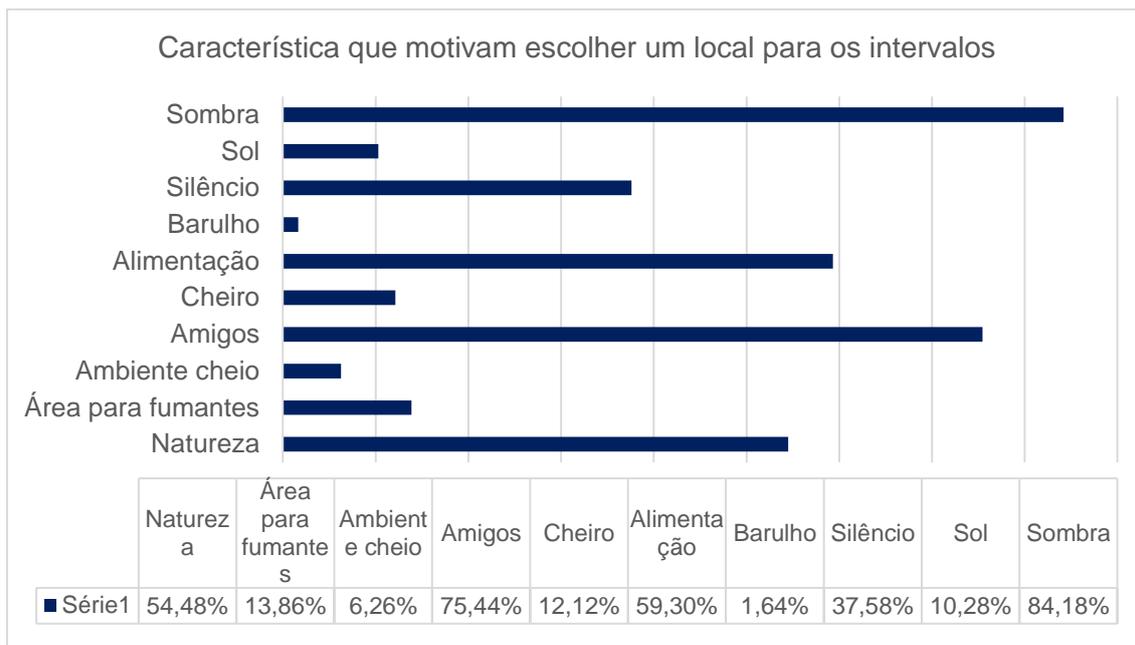


Gráfico 5: Características que motivam a escolha de um local indicada pelos usuários dos espaços abertos internos do UniCEUB.

Fonte: Arquivo pessoal.

É importante lembrar que o Píer, como praça de alimentação, foi descrito durante os Grupos Focais como um local de muito barulho e muitas pessoas, motivando o descontentamento dos seus frequentadores. No entanto, nota-se que o item “alimentação” apresentou 59,30% do total, justificando o motivo do Píer continuar sendo um lugar frequentado, apesar do barulho e da alta quantidade de pessoas, o que motiva a ida neste local continua sendo a comida.

As características que repelem na escolha por um local para passar os intervalos (Gráfico 6) reitera as respostas do Gráfico 5, pois reforça que sol, barulho, ambiente cheio, área para fumantes e cheiro são os itens que mais se destacam. Além disso, vale destacar que a área para fumantes foi inicialmente citada durante o Grupo Focal dos estudantes e a partir de então, foi decidido integrar este item aos questionários.

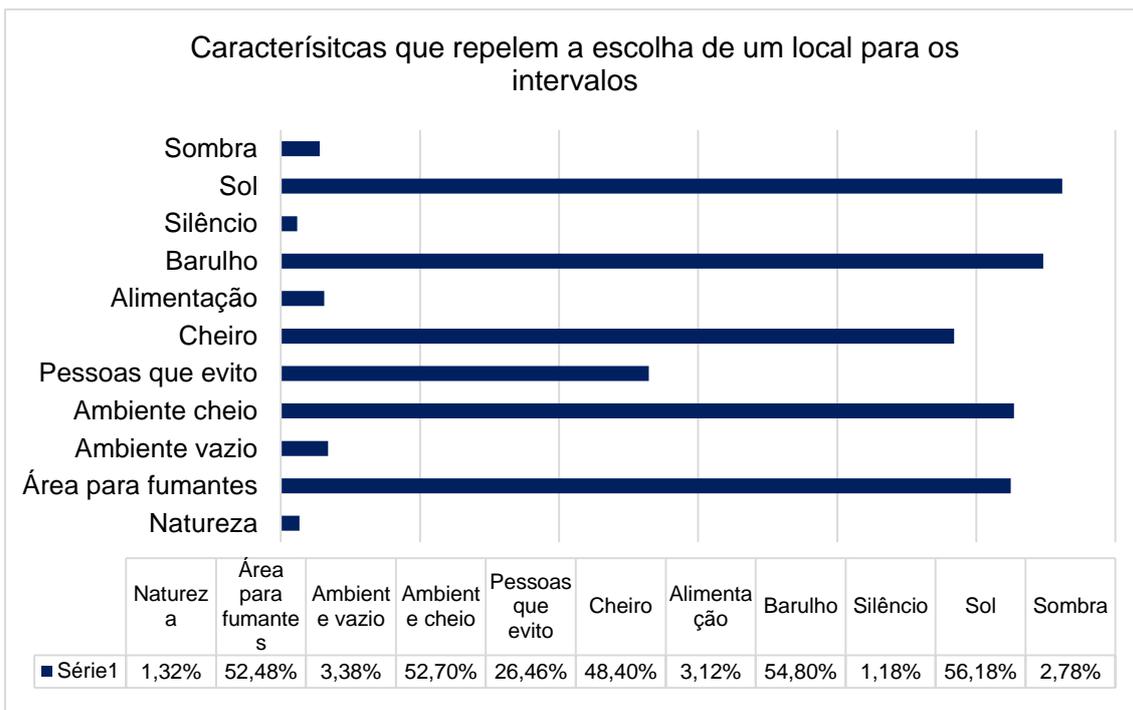


Gráfico 6: Características que repelem na escolha de um local indicadas pelos usuários dos espaços abertos internos do UniCEUB.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Da mesma forma que foi abordado no Grupo Focal, o item de “área para fumantes” obteve 52,48% de reprovação que vai ao encontro do Gráfico 5, com apenas 13,56% de aprovação dessas áreas. Assim, comprova-se o que foi dito durante o Grupo Focal 1 (estudantes), que o cheiro de cigarro inibe algumas pessoas de permanecer em alguns locais em que haja fumantes.

Como já havia sido mencionado durante os Grupos Focais, foi observado que a escolha dos locais para áreas de intervenção (Figura 10) muda de acordo com o local que a pessoa frequenta, como, por exemplo, os blocos ou a lanchonete. Assim, as pessoas preferem essas áreas próximas ao bloco em que atuam, ou seja, comprova-se a ideia exposta no Grupo Focal 2 (professores), que defende a dispersão destes locais ao longo do campus, devido haver área suficiente na instituição.

Mesmo com a aplicação dos questionários em diferentes áreas do UniCEUB, o local mais indicado (Gráfico 7) para a implementação do espaço de intervenção foi o estacionamento próximo ao bloco 1, representado pela letra A (Figura 14). Com 65,52%, o estacionamento dos professores foi o vencedor para a implantação, seguido do item de letra E, que, igualmente, é um estacionamento privativo.

Estes dados comprovam a insatisfação dos estudantes com os estacionamentos internos que cortam o campus e atrapalham o deslocamento entre os blocos. Tais resultados representam, majoritariamente, a opinião dos alunos, pois foram os usuários mais entrevistados durante a aplicação dos questionários e, de forma complementar, esta questão fora diversas vezes comentada durante o primeiro Grupo Focal.

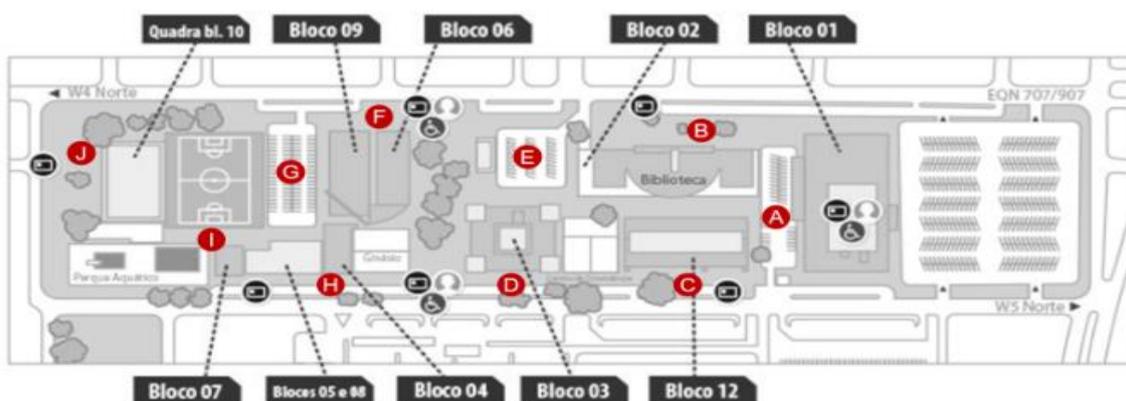


Figura 14: Mapa com letras que indicam para possíveis locais de implantação de áreas de convivência.

Fonte: Arquivo pessoal

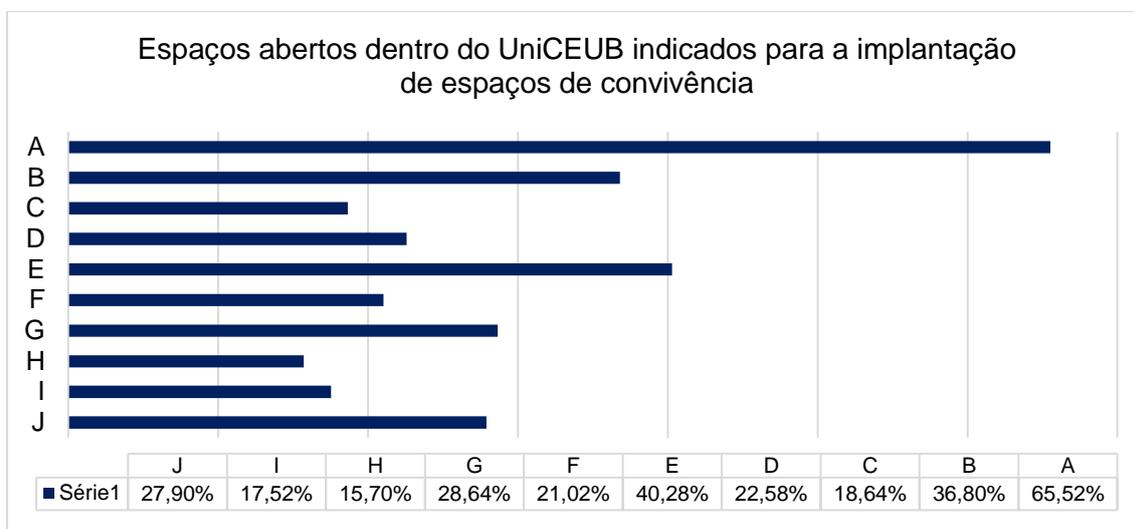


Gráfico 7: Espaços abertos dentro do UniCEUB indicados para a implantação de espaços de convivência pelos usuários dos espaços abertos internos do UniCEUB

Fonte: Arquivo pessoal.

## 4.5 Intervenção

Inicialmente, a intervenção estava prevista para ocorrer no mês de maio, porém, devido ao período de chuvas que ocorrem em Brasília nessa época do ano, o evento foi adiado, sendo realizado no dia dez de abril de 2018, terça-feira. A proposta foi desenvolver uma intervenção no campus do UniCEUB, com base nas ideias de projetos desenvolvidos por Janette Sadik-Khan e Jaime Lerner descritos no item 2.3.

A partir disto, os dados reunidos nas etapas qualitativas e quantitativas indicaram que o local ideal seria o estacionamento localizado entre bloco 1 e a Biblioteca (Figura 15). A escolha respaldou-se em outras características que o local proporcionava, como a pavimentação do piso que permitia melhor acessibilidade, além de poucos desníveis e a presença de sombras das árvores. Assim, o grau de acessibilidade e aridez foram considerados para definir o espaço, uma vez que os outros estacionamentos privativos não continham estes itens.



Figura 15: Localização da intervenção em destaque e os outros estacionamentos internos.  
Fonte: Google Maps (2018).

Outra questão fundamental foi a passagem de pedestres, visto que este estacionamento é a única conexão entre o bloco 1 e os outros prédios. Dessa forma, seria o local ideal para proporcionar aos pedestres que circulam diariamente por este percurso a sensação de uma área que favorecesse o caminhar pelo campus.

A escolha do local da intervenção no estacionamento privativo tinha o intuito também de gerar um sentimento de inquietação na comunidade acadêmica e

mostrar as possibilidades de utilização do espaço. Foi uma resposta aos pedidos daqueles que imploravam por local de descanso e lazer, mas que não imaginavam onde poderia acontecer devido ao pouco espaço no campus.

Cabe pontuar que o estacionamento não foi usado em sua totalidade, pois havia vagas de PCD (pessoas com deficiência) e este fator não poderia ser desconsiderado. Assim sendo, a metade do estacionamento utilizada foi a mais arborizada de modo a proporcionar dois ambientes distintos: um utilizado por automóveis e outro por pessoas, mostrando a possibilidade e a importância da boa convivência entre os dois. Ao contrário das ideias do urbanismo modernista que separa o automóvel das pessoas gerando maior segregação, por isso foi fundamental utilizar somente uma parte de um dos estacionamentos da instituição.

De acordo com Lerner (2003), a acupuntura urbana deve ser pontual e ágil para garantir o sucesso da implantação, pois de acordo com o autor “picada rápida não dói” e esta é fundamental para evitar a inércia e a complexidade das políticas que determinam as obras. Assim, o mesmo pensamento foi utilizado no campus: determinou-se que a intervenção ocorreria ao longo de um único dia e somente em uma parte do estacionamento supracitado.

A partir destas decisões, a intervenção foi inspirada nas realizações de Janette Sadik-Khan que transformou diversos espaços e melhorou a qualidade dos locais. À princípio, as obras da autora utilizavam materiais de baixo custo e móveis, característica que gerou maior flexibilidade nas intervenções e permitiu, posteriormente, analisar o comportamento do público.

Dessa forma, a intervenção realizada no campus também utilizou materiais de baixo custo e materiais móveis, como cadeiras de praia, mesas de plástico, pufes, paletes e esteiras para grama. Ao longo da pesquisa, foi possível observar a destinação de algumas vagas dos estacionamentos internos para atender PCD e isto foi respeitado no projeto da intervenção (Apêndices I e II) com o intuito de evitar a segregação. Sob este viés, o projeto foi pensado para fechar o estacionamento com a utilização vasos de plantas a fim de não prejudicar os veículos e manter as vagas de PCD.

Durante o projeto, uma característica importante a ser mantida durante a escolha dos materiais foram as cores da instituição: branco, amarelo, vermelho e preto que foram incorporadas ao projeto para reforçar a mensagem de integração e sentimento de comunidade. Além disso, coincidiu com a comemoração dos 50 anos da instituição, cabendo, portanto, enaltecer que após todos estes anos, a universidade cresceu e a corpo acadêmico expandiu e se modificou, por isso, também é necessário rever características físicas e adequá-las aos dias de hoje.

O processo criativo da pesquisa envolveu criar um nome para a intervenção, assim, sendo escolhido o título UNECEUB, pois a ideia principal era criar um trocadilho com o nome da instituição e incentivar a união dentro do campus. A partir disto, iniciou-se um processo de divulgação nas mídias sociais para convidar a comunidade acadêmica a conhecer o espaço.

Para isso, algumas artes (Figura 16) foram desenvolvidas com o intuito de anunciar o dia do evento e estimular a curiosidade das pessoas e convidá-las a conhecer a nova proposta. As artes também foram expostas no dia do evento em forma de mobiles, cartazes e centros de mesa para propiciar reflexões a respeito da ocupação do espaço.



Figura 16: Artes desenvolvidas para divulgar a intervenção.  
Crédito: Telmo Domingues.

A intervenção teve início durante o sábado de manhã, na qual a área foi isolada para a realização da pintura do piso, uma vez que neste dia o movimento do campus é reduzido e havendo o domingo para a secagem. Assim, a intervenção continuou na segunda-feira, dia destinado para a montagem dos paletes, na terça-feira ocorreu a intervenção e quarta-feira foi realizado o processo de retirada do mobiliário.

Pode-se afirmar que durante a segunda-feira pela manhã, a ausência de veículos permitiu que mais pessoas utilizassem o local, mesmo ainda sem nenhum mobiliário foi possível observar um maior movimento de pessoas (Figura 17) em relação a outros dias que havia carros.



Figura 17: Movimento de pessoas criado pela retirada dos veículos.  
Fonte: Arquivo pessoal.

No início do segundo dia (antes das 8h00), o mobiliário (Figura 18) foi disposto conforme o projeto havia especificado: garantir melhor adaptabilidade ao terreno e permitir a maior incidência de sombra na maior parte do dia. No início da manhã, a intervenção já acontecia e estava pronta para receber a comunidade acadêmica.

Inicialmente, alunos, professores e funcionários que passam pelo local olhavam com estranheza para a intervenção e tinham dúvidas se era um espaço para ser utilizado. Somente após alguns minutos, certos estudantes começaram a se aproximar e com dificuldade utilizaram o mobiliário e, então, se iniciou o movimento de ocupação do espaço. É importante ressaltar que esta dificuldade está intrínseca aos comportamentos na cidade, visto que o ato de desapropriar um estacionamento é incomum em Brasília.



Figura 18: Mobiliário da intervenção.  
Fonte: Arquivo pessoal.

O início da manhã contou com pouco movimento de estudantes, porém, durante o intervalo das aulas, que ocorre entre 9h20 e 9h40, observou-se uma maior atuação deste público (Figura 19). O comportamento dos estudantes foi de acolhimento da intervenção e todos utilizaram o mobiliário conforme o gosto particular: modificaram a posição das cadeiras e pufes para melhor se adequar a cada situação.

Diferentemente dos estudantes (Figura 19 a), os funcionários tiveram pouca participação durante o evento, sendo um comportamento esperado, pois a informação colhida durante o Grupo Focal 3 indicou que este núcleo se sente desconfortável ao descansar em público. No entanto, houve uma modesta presença (Figura 19 b) que entrega a dificuldade de usar o espaço aberto, pois apesar de utilizarem o local da intervenção, continuam contidos no meio fio.

Vale a pena ressaltar que o grupo de funcionários inclui também os terceirizados, que também participam da dinâmica do campus e foram incluídos durante as análises. Dessa forma, este grupo específico que possui maior dificuldade em se sentir aceito, conforme os comentários do Grupo Focal 3 (funcionários) e da Figura 19 b.



Figura 19: O uso do espaço por estudantes (a) e funcionários (b).  
Fonte: Arquivo pessoal.

A participação dos professores e coordenadores também foi tímida, muitos estavam de passagem e, por curiosidade, apenas questionavam a intervenção e continuavam o caminho. Porém, alguns professores da área (Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil) ministraram parte da aula no espaço da intervenção e junto com os alunos, discutiram a importância destas ações no âmbito da cidade e no âmbito de universidade.

Uma ação interessante foi observar o comportamento dos estudantes ao movimentar o mobiliário, pois a cadeira de praia permitiu a liberdade de adequar o espaço a diversos acontecimentos durante o dia. É possível observar este comportamento nas Figuras 20, 21 e 22 ao comparar os horários que foram utilizadas e o modo como os estudantes configuraram o espaço.

De manhã (Figura 20), as cadeiras estavam organizadas conforme o projeto, porém, durante o intervalo (Figura 21) o desenho havia sido modificado para um semicírculo em que os alunos apenas conversavam. No final da noite (Figura 22), houve a participação de bandas e apresentações musicais e isto fomentou em outra organização das cadeiras de praia, pois foram encontradas alinhadas para assistir aos espetáculos.

Observou-se também que a movimentação das cadeiras de praia foram mudando de acordo com a incidência solar, estando localizadas em maior parte nas áreas sombreadas. Deste modo, verificou-se que a área destinada para as cadeiras inicialmente ficou vazia ao longo do dia, fato que confirmou a

preferência dos estudantes por áreas sombreadas, conforme os resultados obtidos com o questionário.

Vale a pena destacar que as cadeiras de praia foram movimentadas unicamente pelos participantes do evento e não houve nenhuma alteração após a intervenção iniciada, uma vez que tais movimentações serviriam para a análise e documentação do mobiliário, inclusive com base nos registros fotográficos.

Inicialmente, o estudo do mobiliário tinha o intuito de analisar o comportamento do público ao longo do dia e observar as mudanças feitas pelos usuários. No entanto, o resultado surpreendeu e demonstrou que a importância de uma arquitetura dinâmica, neste caso, seria essencial.

Cabe pontuar que mesmo se fosse possível estudar estes comportamentos com vários dias de intervenção, o mobiliário seria modificado de acordo com os eventos ocorridos no estacionamento, assim, seria impossível determinar um mobiliário fixo que atendesse todos os casos. Dessa forma, concluiu-se que o local necessita de um mobiliário que permita a diversidade que ocorre no campus e que impulse diferentes atividades, assim, tal fato confirmou as hipóteses iniciais da pesquisa.



Figura 20: Disposição das cadeiras de praia às 8 horas pelos organizadores do evento.  
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 21: Disposição das cadeiras de praia às 10 horas após o uso dos frequentadores.  
Fonte: Arquivo pessoal.

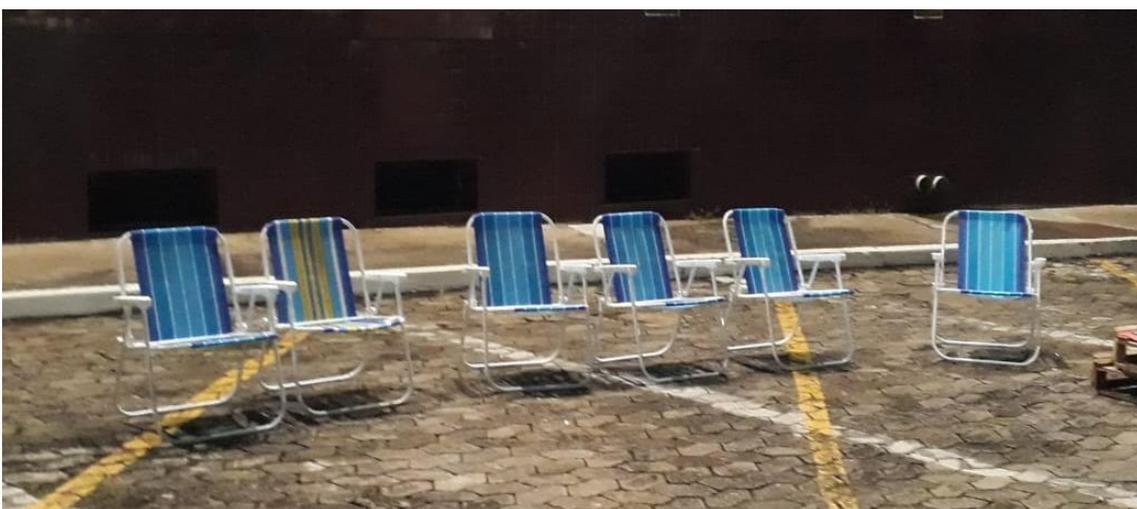


Figura 22: Disposição das cadeiras de praia às 20 horas, próximo ao horário do show do intervalo noturno.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Ainda sob esta perspectiva, verifica-se que é necessário que haja também mobiliários fixos para determinar o local de descanso e de lazer ao ponto de estimular o movimento das pessoas diante de diversas situações. Neste caso, o material fixo foi representado pelos paletes e pelo meio fio (Figura 23), pois ambos delimitaram o local e permitiram que os usuários se agrupassem a sua volta de diferentes maneiras.

As mesas de plástico foram dispostas próximas às lanchonetes do bloco 1 com a intenção de dar suporte aos estabelecimentos e aos usuários da intervenção, pois mesmo se não fossem comer, ainda poderiam utilizar o mobiliário. Esta decisão foi tomada, pois de acordo com os Grupos Focais havia uma carência de mobiliário destinado para alimentação.

Assim, esperava-se que as mesas fossem muito utilizadas ao longo do dia, no entanto, inesperadamente percebeu-se que não tiveram muita demanda (Figura 24). Imagina-se que a pouca procura ocorreu devido a maior incidência de sol, assim, fazendo com que as pessoas procurassem realizar as refeições nos outros mobiliários.



Figura 23: Estudantes usando o meio fio como assento.  
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 24: Mesas de plástico: pouca utilização.  
Fonte: Arquivo pessoal.

O “caminho de pedestres” entre os blocos 1 e o restante do campus possui característica conturbada, pois é feita através do estacionamento mencionado, dificultando o caminhar dos pedestres. Durante a aplicação dos questionários, muitas pessoas afirmaram que os veículos mal interferiam neste percurso e outros afirmaram não sentir incômodo ao fazer esta travessia. Paralelamente, verifica-se que, no geral, os moradores de Brasília estão acostumados com este cenário, pois a presença de estacionamento rodeando edifícios é uma realidade comum encontrada na cidade (Figura 25).

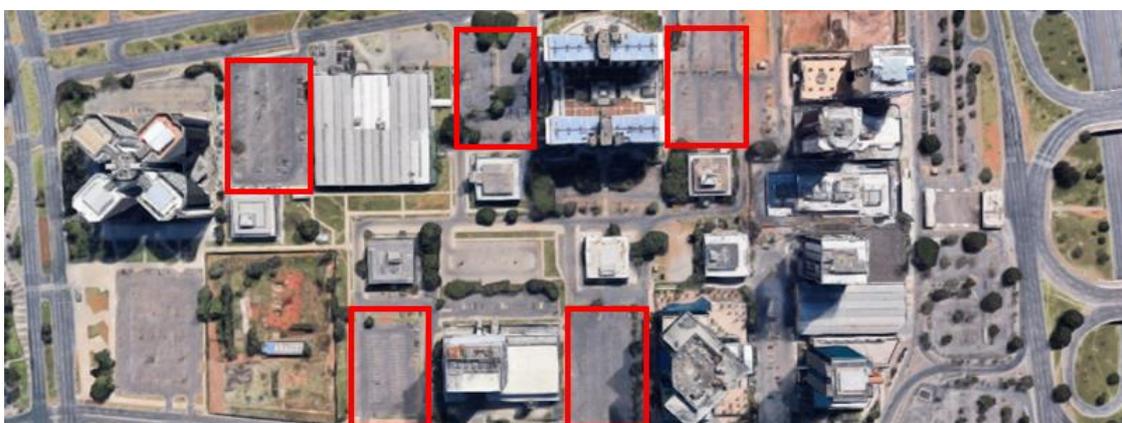


Figura 25: Destaque dos estacionamentos rodeando os edifícios do Setor Comercial Norte.

Fonte: Google Maps (2018)

No entanto, é possível observar que os veículos interrompem o fluxo de pessoas neste ponto do campus (Figura 26), porém, o fato passa despercebido e só é compreendido quando o transeunte se depara com outra situação, como foi possível observar durante a intervenção (Figura 27). Deste modo, é possível reconhecer que espaços destinados para pessoas são mais convidativos do que espaços destinados para carros.

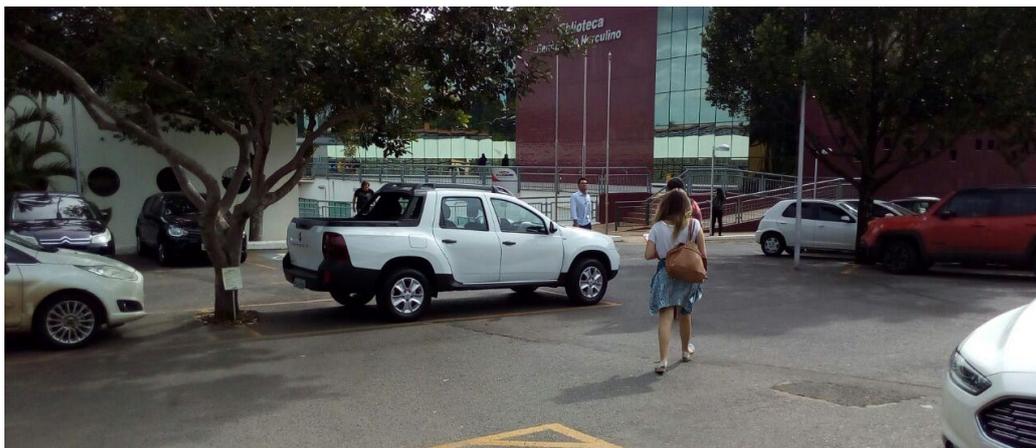


Figura 26: “Caminho de pedestres” antes da intervenção.  
Fonte: Arquivo pessoal.

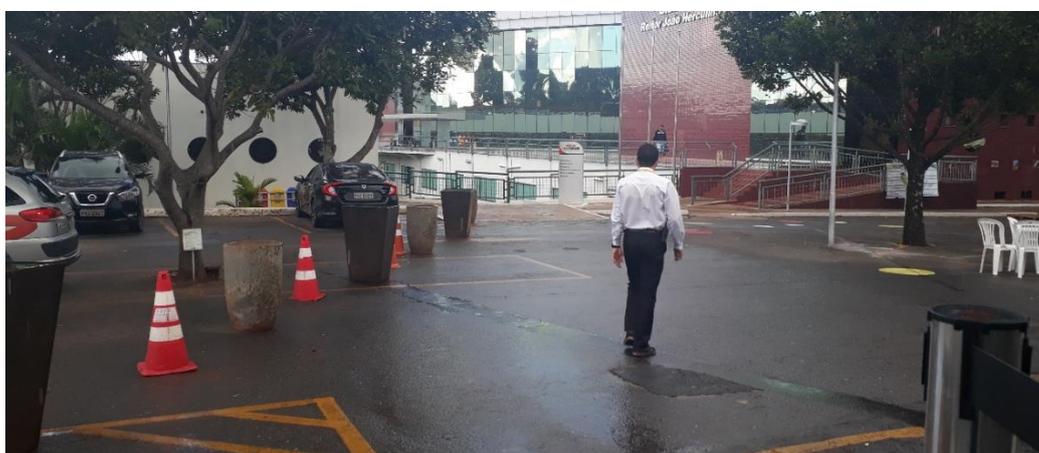


Figura 27: “Caminho de pedestres” durante a intervenção.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Cabe destacar que a intervenção influenciou boas interações permitindo a participação de todos os grupos durante as apresentações musicais que foram realizadas durante todo o evento. No período da manhã, os estudantes cantaram músicas acústicas e no período da noite a banda de funcionárias do UniCEUB (Figura 28) tocou diversas músicas e animou o público que utilizava o espaço. Os artistas afirmaram que foi uma ótima experiência e desejam que o evento ocorra todos os meses e ressaltaram a importância do espaço para a divulgação de novos talentos e para melhor integração entre a comunidade acadêmica.

Outro ponto muito elogiado pelos participantes da intervenção foi o uso de esteiras (Figura 29) que foram dispostas em um canteiro gramado ao lado do estacionamento, foi possível observar várias pessoas que puderam descansar, ler e relaxar sob as árvores.



Figura 28: Apresentações musicais durante a intervenção.  
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 29: Esteiras utilizadas por estudantes.  
Fonte: Arquivo pessoal.

#### 4.6 Banner

O item final da pesquisa quantitativa foi realizado ao levantar dados concretos das opiniões daqueles que utilizaram o espaço da intervenção, para isso, foram utilizados dois banners que ficaram dispostos ao longo do dia da intervenção. Ambos continham as mesmas perguntas e aqueles que sentiam desejo de responder eram convidados a marcar com um adesivo.

O banner (Figuras 30 a e 30 b) foi posicionado próximo à entrada principal da intervenção a fim de receber as pessoas que estavam utilizando o local, havendo perguntas voltadas para conhecer o ponto de vista e o perfil de cada um que frequentou o local da intervenção.



Figura 30: (a) Marcação no banner e (b) o banner repleto de marcações.  
Fonte: Arquivo pessoal.

A primeira pergunta estava relacionada com a atuação de cada um no UniCEUB (Gráfico 8), sendo muito similar àquela aplicada nas três etapas dos questionários, porém essencial para comprovar o grupo mais ativo nas áreas abertas. Assim, os dados saíram conforme o esperado: os estudantes em primeiro lugar com 77,77% do total, seguido por funcionários (15,38%) e professores (6,85%).



Gráfico 8: Atuação no campus do UniCEUB.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Com o intuito de aprofundar as razões que levaram o indivíduo a utilizar o espaço da intervenção questionou-se o motivo de estar no local (Gráfico 9) e os resultados demonstraram que o item “passar o tempo” foi bastante relevante, com 42,94% e, em segundo lugar, o item “conversa” marcou com 22,38%, ou seja, mais da metade dos participantes que responderam o banner desejam

interagir, o que demonstra a carência por mais espaços de convivência. Em terceiro, “estudo” com 20,58%, o item “descanso”, comida e leitura tiveram menor porcentagem, mas correspondem com igual importância.



Gráfico 9: Motivo de estar no espaço da intervenção.  
Fonte: Arquivo pessoal.

A terceira pergunta teve a intenção de descobrir o horário no qual os frequentadores mais utilizaram a intervenção, sendo identificado que 40% utilizou durante o turno em que estuda, 32,14% durante o intervalo e apenas 26,86% após o turno em que está matriculado. Observa-se que há um movimento contínuo de frequentadores, mesmo após o horário de aula também é possível perceber uma porcentagem expressiva.

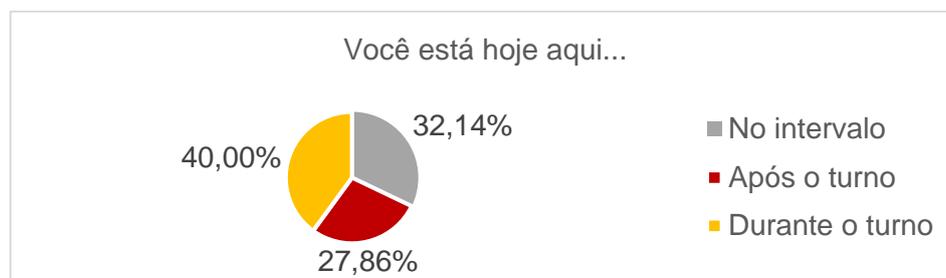


Gráfico 10: Horário de participação na intervenção.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Os motivos que levaram as pessoas a permanecerem no local foram: o espaço criado, a conversa, descanso, sombra, o mobiliário e a alimentação, respectivamente. Dessa forma, surpreendentemente, o item de “espaço criado” foi superior ao de alimentação e sombra, que tanto foram mencionados nos questionários, assim, sendo possível observar que um espaço de qualidade tem o poder de atrair e reunir pessoas (GEHL, 2010), mesmo que as outras qualidades não sejam o foco do local.



Gráfico 11: Motivos para permanecer no espaço.  
Fonte: Arquivo pessoal.

A quinta pergunta demonstrou que a maioria (95%) dos usuários do campus deseja mais espaços como os que foram criados para a intervenção (Gráfico 12) ao passo que apenas 4,92% não sentem esta necessidade. Com estes dados, é possível reforçar a necessidade de novos pontos de implementação de áreas de descanso, lazer e estudo.

Em relação ao local de intervenção (Gráfico 13), com base no fator considerado mais agradável no espaço eis que surgem: o ambiente (45,77%), a natureza (29,35%), o mobiliário (14,42%) e as pessoas (10,46%). Dessa forma, pode-se compreender que o conjunto do que foi criado é mais importante do que os itens separadamente, sendo essencial para que haja todas estas características para formar espaços agradáveis.

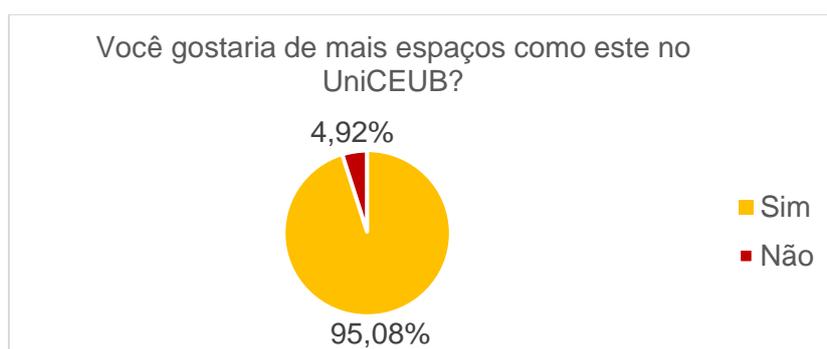


Gráfico 12: Opinião para saber se seria interessante a implantação de outros espaços de intervenção no UniCEUB.  
Fonte: Arquivo pessoal.

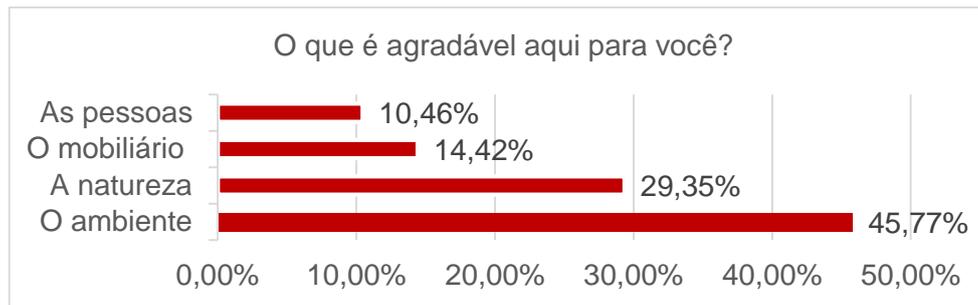


Gráfico 13: Qualidades no espaço da intervenção.  
Fonte: Arquivo pessoal.

A última questão (Gráfico 14) buscava compreender os itens que poderiam complementar o espaço criado, ou seja, quais pontos que faziam falta no local. No geral, as respostas foram bastante semelhantes, sendo os mais votados: “proximidade dos outros blocos” (com 18,18%), que reforça os resultados adquiridos durante a aplicação do questionário, que apesar de ser importante áreas centrais de encontro, é necessário pontos próximos aos blocos para incentivar o uso de outros locais.

De forma semelhante, o item “objetos artísticos e grafite” teve o mesmo percentual (18,18%), e ressalta a vontade da comunidade acadêmica de envolver a arte no campus, seja por meio de imagens visuais ou através de apresentações de música. Além disso, os itens “outras atividades” e “outros mobiliários” também tiveram uma porcentagem alta, o que indica a possibilidade de investigação para descobrir as desejadas e futuramente aplica-las ao campus.

Outras opções de comida, áreas verdes e diversidade de pessoas também influencia a permanência de um público no espaço, pois são pontos importantes que mantêm a diversidade (GEHL, 2010). Dessa forma, para projetar estas áreas de decompressão dentro do campus, deve-se projetar um espaço para as pessoas, para que possam ficar no local por mais tempo e não apenas passarem.

Além disso, o espaço também deve ser pensado naquelas pessoas que necessitam ficar por mais tempo dentro do campus, independentemente do motivo. Sendo assim, é de fundamental importância que tais espaços sejam

implantados, de modo a estimular convivência humana, a diversidade, o melhor desempenho nas atividades, desde trabalho a estudo.

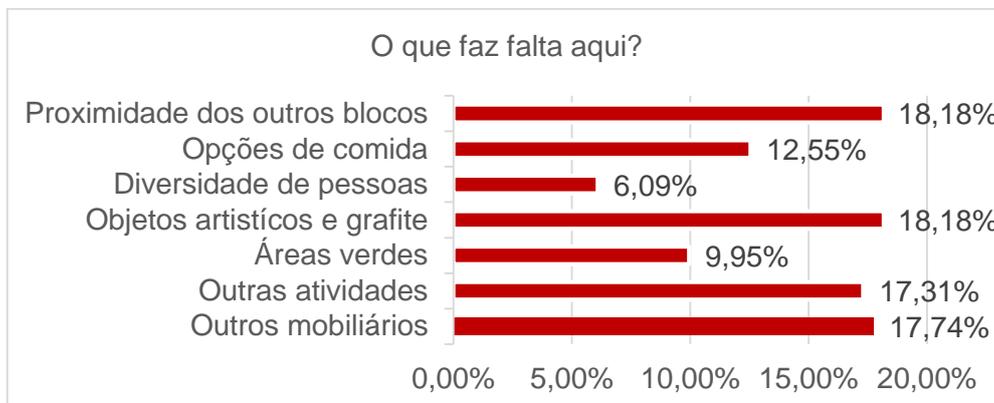


Gráfico 14: Itens que faltam na intervenção.  
Fonte: Arquivo pessoal.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **5.1 CONCLUSÕES**

O objetivo geral desta pesquisa tinha o intuito de propor a criação de um espaço de convivência que pudesse ser móvel e de baixo custo nas áreas internas abertas do UniCEUB, a fim de identificar a aceitabilidade dos estudantes, professores e funcionários da instituição em relação ao espaço criado, o que, felizmente, foi alcançado com sucesso e superaram as expectativas.

Os demais objetivos (específicos) também foram alcançados, uma vez que buscavam analisar as reais necessidades dos usuários do campus para criar a intervenção e, por consequência, promover uma maior interação entre estes núcleos tão distintos (estudantes, professores e funcionários).

Em relação as conclusões obtidas, pode-se inferir que os dados levantados permitiram concluir que o UniCEUB pode ser comparado com os estudos de Magnani (2003), uma vez que na instituição, os blocos são diferenciados por cursos, uma vez que os frequentadores, principalmente, os estudantes, tendem a ficar vinculados ao seu “pedaço”. Dessa forma, verifica-se que há uma analogia encontrada entre os blocos da instituição e os “pedaços” encontrados na cidade.

Nesse contexto, a delimitação física dos prédios estimula os estudantes, professores e funcionários a ficarem vinculados ao bloco em que atuam, de forma simbólica, sendo possível identificar as pessoas que estão “fora ou dentro do bloco” ou, como o autor aborda, “fora ou dentro do pedaço”.

Além disso, as ruas da cidade podem ser comparadas com espaços abertos da instituição, sendo neste espaço que ocorrem diferentes atividades, encontros educacionais, feiras de empreendedorismo, apresentações, dentre outros. Em outras palavras, as áreas do campus devem estimular o encontro entre as pessoas e a permanência destas no espaço, de modo a ampliar as relações interpessoais.

Uma característica que marcou o desenrolar da pesquisa, foi o gráfico citado por Gehl (2010), pois, de acordo com o autor, há três atividades centrais realizadas cotidianamente pelas pessoas, sendo: atividades necessárias, opcionais e

sociais. Assim, o aumento na qualidade do ambiente externo estimula as atividades opcionais e, de acordo com o autor, é um convite substancial para o aumento das atividades sociais. (GEHL,2010).

No entanto, foi possível observar que há um quarto item de atividades que as pessoas realizam cotidianamente e que não se encaixam perfeitamente nas classificações mencionadas pelo autor. Dessa forma, verificou-se a necessidade de adaptar o gráfico para melhor se adequar à realidade vivenciada no campus: a existência da atividade de “passar o tempo”.

Sobre esta atividade, durante a aplicação dos questionários e do banner, verificou-se que várias pessoas têm o costume de passar o tempo na instituição, muitas vezes, para esperar o tempo de realizar de outras atividades. Este tempo de espera também ocorre quando alguém decide esperar o melhor horário de volta à casa de modo a evitar horários de pico no trânsito, ou que se adequem aos horários dos ônibus ou carona.

Devido a estes argumentos, foi possível observar que o passar o tempo dentro do UniCEUB é diferente de realizá-lo na cidade, pois envolve as questões da qualidade do ambiente, como: segurança, iluminação e infraestrutura. Por isso, pode-se concluir que a qualidade do espaço interno da instituição fomenta a procura por “passar o tempo”, uma vez que não há a necessidade de sair para a cidade e buscar este ambiente.

Neste contexto, foi realizado uma comparação com o gráfico de atividades (Figura 1, p. 14) por Gehl (2010) na intenção de classificar a atividade intitulada de “passar o tempo”, no entanto, observou-se que este item não caberia nas atividades necessárias, opcionais e muito menos nas atividades sociais. No geral, o fato de “passar o tempo” pode ser feito individualmente e a pessoa pode até realizar outras atividades para ocupar o tempo de espera.

Ainda assim, mesmo que a pessoa decida ler, estudar ou ouvir música, ainda estará realizando uma atividade de “passar o tempo” e não, necessariamente, aquelas atividades mencionadas no gráfico de Gehl (2010). Desta maneira, uma das conclusões finais da pesquisa foi que este item era essencial para demonstrar que o espaço físico de qualidade pode estimular também esta quarta atividade, intitulada “passar o tempo”.

À vista disso, foi de fundamental importância realizar uma nova perspectiva de gráfico que pudesse se adequar a realidade do campus, sendo desenvolvido modelo um exclusivo para a realidade citada anteriormente (Figura 31). Assim, este novo gráfico se adequa ao fato exposto nesta pesquisa, uma vez que é um comportamento recorrente na comunidade acadêmica.

Assim, decidiu-se permanecer com as três atividades (necessárias, opcionais e sociais), mas incluir também o “passar o tempo”, que está diretamente ligada ao ambiente físico, uma vez que sendo de alta qualidade há uma tendência das pessoas permanecerem no local, ao passo que se tiver baixa qualidade irá repelir as pessoas com facilidade.



Figura 31: Novo gráfico de atividades, adaptado de Gehl.  
Fonte: Adaptado de Gehl (2010)

Com base no que foi exposto, cabe inferir que os espaços internos institucionais podem sim apresentar reflexos nítidos dos comportamentos presentes nas cidades em que estão inseridos. Portanto, cabe analisar o que se deseja para o futuro destes espaços, bem como para as cidades, e a partir disto, verificar a necessidade de se criar intervenções que possam estar alinhadas ao que se objetiva.

Por fim, vale salientar que o foco de qualquer estudo são as pessoas, o seu bem-estar e a sua qualidade de vida na sociedade. Assim sendo, cabe a reflexão acerca do que se vislumbra para o futuro das nossas cidades que continuem sendo pautadas na alta velocidade e no individualismo dos veículos motorizados, ou na baixa velocidade e no coletivismo das relações interpessoais.

## 5.2 RECOMENDAÇÕES

De acordo com todos os resultados desta pesquisa, é importante sugerir que para pesquisas futuras, deve-se realizar outras intervenções em diferentes locais da instituição, tal como nos pontos sugeridos durante os Grupos Focais, como: a área externa da biblioteca ou dentro dos prédios. Com isso, será possível compreender melhor a dinâmica do campus e estudar a possibilidade de implementar definitivamente espaços de descanso, lazer e estudo ao ar livre.

Caberia também que fosse realizada contagem do número de veículos durante outras intervenções para medir o impacto nos estacionamentos privativos, para, então, determinar a possibilidade de se retirar algumas vagas. Sob este aspecto, é importante lembrar que o estacionamento privativo foi um ponto de desaprovação daqueles que não o utilizam, uma vez que muitos acreditam que é um local onde a hierarquia prevalece. Dessa forma, seria interessante estudar a possibilidade de se liberar o uso das vagas para os outros núcleos, e, a título de teste, observar se o comportamento da comunidade acadêmica melhora com esta prática.

Ademais, seria interessante que fosse analisada a conclusão mencionada no item 5.1, na qual menciona o novo gráfico de atividades, de modo a se investigar mais profundamente acerca do que é realizado na perspectiva de “passar o tempo” dentro da instituição. Pois supõem-se que possa haver certa variação entre os núcleos (estudantes, professores e funcionários), uma vez que para um estudante o “passar o tempo” pode ser a espera de uma próxima aula ou de um curso fora da instituição, por outro lado, aos professores, pode-se traduzir na perspectiva de se adiantar atividades de trabalho ou esperar o horário de buscar filhos na escola, como já havia sido mencionado no Grupo Focal 2 (professores).

Por fim, poderia ser interessante expandir esta pesquisa para o contexto da cidade, com o intuito de investigar se tal comportamento também ocorre no âmbito urbano, e, assim, relacionar ambas as pesquisas.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBETTA, Pedro Alberto. Estatística aplicada às ciências sociais. 4ª ed. Editora da UFSC. Florianópolis, 2001.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. Perspectiva. São Paulo, 1997.

CARVALHO, Jorge. *Formas Urbanas*. MinervaCoimbra. Coimbra, 2003.

DELFANTE, Charles. *A grande história da cidade: da Mesopotâmia aos Estados Unidos*. Instituto Piaget. Lisboa, 2015.

GEHL, JAN. *Cidades Para Pessoas*. Perspectiva. Rio de Janeiro, 2010.

ITDP Brasil. *São Miguel mais humana, rua para todos: intervenção urbana temporária na Área 40 de São Miguel Paulista*, 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/800701/sao-miguel-mais-humana-rua-para-todos-intervencao-urbana-temporaria-na-area-40-de-sao-miguel-paulista>>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

JACOBS, JANE. *A Morte e Vida de Grandes Cidades*. Martins Fontes. São Paulo, 2000.

LERNER, Jaime. *Acupuntura urbana*. Record. Rio de Janeiro, 2003.

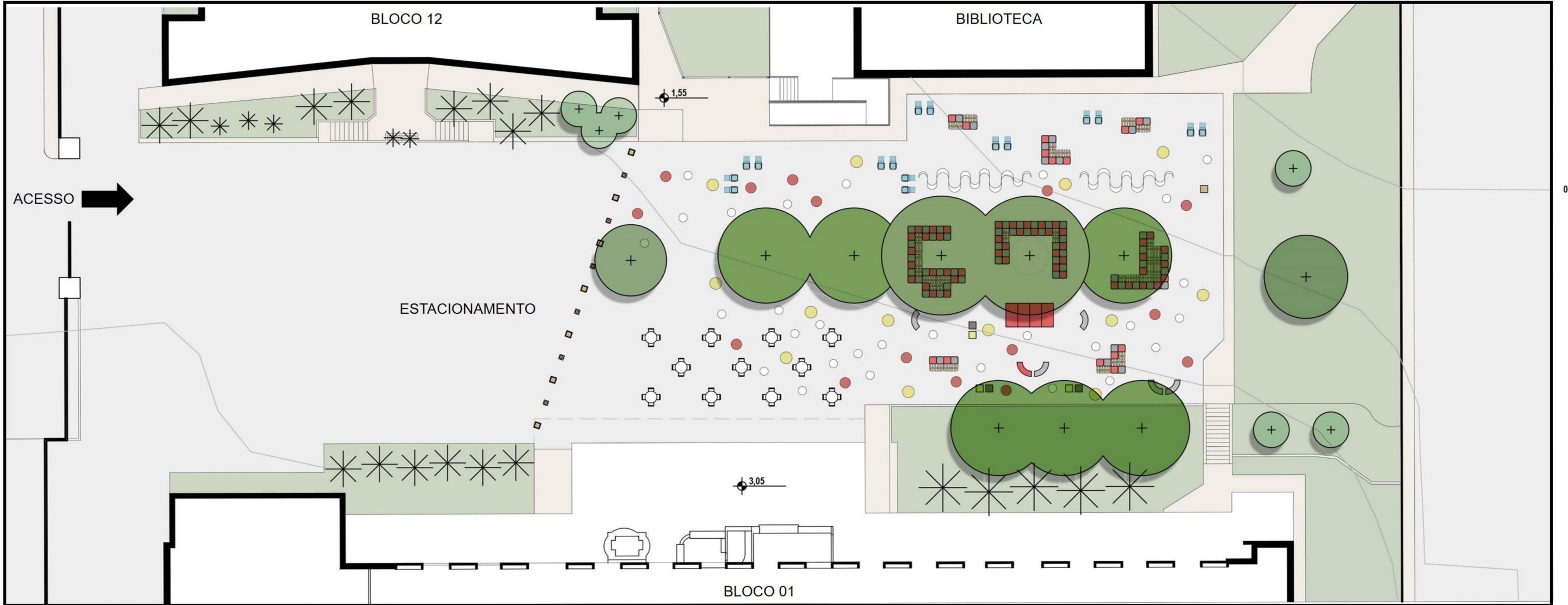
MAGNANI, José G. C. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. 2003. Disponível em: <[http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua\\_simbolo%20e%20suporte%20da%20experiencia%20-%20magnani.pdf](http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua_simbolo%20e%20suporte%20da%20experiencia%20-%20magnani.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2018.

MARKOVÁ, Ivana et al. *Dialogue in focus groups:exploring socially shared knowledge*. Equinox. Londres, 2007.

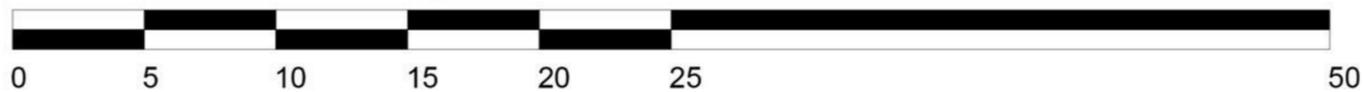
SADIK-KHAN, Janette. *Streetfight: Handbook for an Urban Revolution*. Penguin Books. New York, 2016.

SPECK, Jeff. *Cidade Caminhável*. Perspectiva. São Paulo, 2012.

7. APÊNDICES  
7.1 APÊNDICE I



PLANTA LOCAÇÃO





PLANTA BAIXA



LEGENDA

- 01. CADEIRAS DE PRAIA
- 02. PALLETS COM TECIDO EMBORRACHADO
- 03. CAIXA COM ESPREGUIÇADEIRAS
- 04. PUFF EM FORMATO MEIA LUA
- 05. PUFF EM FORMATO QUADRADO
- 06. PALCO
- 07. MESAS COM CADEIRAS
- 08. VASOS DE JARDINAGEM
- 09. CONES DE SINALIZAÇÃO
- 10. PAGINAÇÃO DE PISO

